



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROFARTES)

Melissa Jordana Rodrigues Naves

**PROPOSTA CÊNICA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E CENSURA NA
EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO GRUPO ARTOCRACIA CÊNICA E PEÇA
TRANSCORPOS**

BRASÍLIA

2020

Melissa Jordana Rodrigues Naves

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a)

NN323p NAVES, MELISSA J. R.
PROPOSTA CÊNICA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E
CENSURA NA EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO GRUPO
ARTOCRACIA CÊNICA E PEÇA
TRANSCORPOS / MELISSA J. R. NAVES; orientador
Rafael Litvin Villas Bôas. -- Brasília, 2020.
87 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional
em Educação)
-- Universidade de Brasília, 2020.

1. Teatro. 2. Escola Parque de Ceilândia. 3.
Violência de Gênero. 4. Escola sem Partido. 5.
Transcorpos. I. Litvin Villas Bôas, Rafael,
orient. II. Título.

Melissa Jordana Rodrigues Naves

**PROPOSTA CÊNICA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E CENSURA NA
EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO GRUPO ARTOCRACIA CÊNICA E PEÇA
TRANSCORPOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes - PROFARTES e submetida à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na área de Artes Cênicas e linha de pesquisa em abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientador: Prof. Dr. Rafael LitvinVillas Bôas

BRASÍLIA

2020

Melissa Jordana Rodrigues Naves

**PROPOSTA CÊNICA SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO E CENSURA NA
EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO GRUPO ARTOCRACIA CÊNICA E PEÇA
TRANSCORPOS**

Esta monografia de conclusão do Curso de Mestrado Profissional em Artes - Profartes foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Artes e aprovada em sua forma final pela Universidade de Brasília.

Brasília, ____/____/____

Coordenador do Curso: Prof. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha

Banca examinadora

Professor Dr. Rafael Litvin Villas Bôas,
Orientador

Professora Dra. Tatiana Lionço
Membro externo – Faculdade de Comunicação UnB

Professor Dr. José Mauro Ribeiro
Universidade de Brasília

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.

Paulo Freire

RESUMO

Esta pesquisa analisa o processo de aplicação e os resultados de uma proposta metodológica de teatro na Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia, desenvolvida entre agosto de 2018 e agosto de 2020. A pesquisa parte da seguinte indagação: como o teatro pode ser usado como ferramenta para o diálogo de enfrentamento ao combate a violências, seja de gênero, racial, social ou tantas outras que ainda fazem parte do cotidiano? A partir de uma abordagem metodológica de pesquisa e montagem, promovo um estudo aprofundado sobre a diversidade voltada às questões de gênero e ao cenário educacional brasileiro. A pesquisa pretende discutir também o projeto de lei “Escola Sem Partido”, um projeto que tem o intuito de censurar professores ao debate e ao pensamento crítico, bem como refletir sobre o combate às estruturas ideológicas na Educação, pautada por fundamentalismos religiosos em convergência com a ascensão do neoliberalismo e da extrema direita no Brasil. Nesse intuito, uma proposta dramatúrgica foi construída a partir de fragmentos dos temas em um processo colaborativo com os estudantes: a peça Transcorpos. Durante a pesquisa, colocou-se a necessidade da formação de um coletivo teatral na escola, voltado à pesquisa, ao diálogo, criação e montagem do espetáculo. O Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, foi utilizado como meio de ação e reflexão sobre os temas abordados e, principalmente, na relação entre opressor e oprimido. Usando a técnica da Quebra da Repressão, o grupo refletiu, em cena, possíveis atitudes com o intuito de não aceitar passivamente a repressão imposta por seus opressores, pensando em uma melhor forma de exercer seu direito e cidadania. A partir da formação do grupo, várias parcerias foram criadas. Essas possibilidades ampliam o fazer teatral dentro da escola e aproxima ainda mais a comunidade escolar. Desse modo, apresento o relato de experiência do processo de formação do grupo e da peça Transcorpos, assim como seus desdobramentos para os fins desta pesquisa.

Palavras-chave: Teatro; Escola Parque de Ceilândia; violência de gênero; Escola Sem Partido; Transcorpos.

ABSTRACT

This research analyzes the appliance process and the results of a theater methodological proposal at *Escola Parque Anísio Teixeira* in Ceilândia, developed between August 2018 and August 2020. The research starts from the inquiry: how can theater be used as a tool for a violence confrontation dialogue, be it gender, racial, social or so many others that are still part of everyday life? From a methodological research approach and assembly, we intend to promote an in-depth study on diversity focused on gender issues and the Brazilian educational scenario. The research also aims to discuss the bill “*Escola Sem Partido*”, a project that targets to censor teachers to the debate and the critical thinking. The present study aims to reflect on the fight against ideological structures in education, guided by religious fundamentalisms in convergence with the rise of neoliberalism and the extreme-right in Brazil. To that end, a dramaturgical proposal was built from fragments of the themes in a collaborative process with the students: the theater play *Transcorpos*. During the research, emerged the need for the formation of a theatrical collective at school, focused on research, dialogue, creation and setting of the show. The Theater of the Oppressed, by Augusto Boal, has been used as a means of action and reflection on the topics covered and, primarily, in the relation between oppressor and oppressed. Using the technique *Quebra da Repressão*, the group reflects, on the scene, possible attitudes in order not to passively accept the repression imposed by its oppressors, thinking about a better way to exercise its rights and citizenship. Due to the formation of the group, several partnerships were created. Possibilities that widen the theatrical activity at the school and bring the school community even closer. Thereby, I present the experience report on the process of formation of the group and the play *Transcorpos*, as well as its developments for the purposes of this research.

Keywords: Theater; Escola Parque de Ceilândia; gender violence; Escola Sem Partido; Transcorpos.

RESUMEN

En esta investigación se analiza el proceso de aplicación y los resultados de una propuesta metodológica para el teatro en la *Escola Parque Anísio Teixeira* en Ceilândia, desarrollada entre agosto de 2018 y agosto de 2020. La investigación parte desde la pregunta: ¿cómo se puede usar el teatro como una herramienta para el diálogo para combatir la violencia, sea de género, racial, social, y muchas más que todavía son parte de la vida cotidiana? A partir de un enfoque metodológico para la investigación y el montaje, pretendemos promover un estudio en profundidad acerca de la diversidad centrada en cuestiones de género y el escenario educativo brasileño. La investigación tiene la intención de discutir el proyecto de ley “Escola Sem Partido”, un proyecto que tiene por objetivo censurar a los profesores en el debate y en el pensamiento crítico. El trabajo de investigación tiene como objetivo reflexionar sobre la lucha contra las estructuras ideológicas en la educación, guiada por los fundamentalismos religiosos en convergencia con el surgimiento del neoliberalismo y la extrema derecha en Brasil. A tal fin, se construyó una propuesta dramatúrgica a partir de fragmentos de los temas en un proceso de colaboración con los estudiantes: la pieza teatral *Transcorpos*. Durante la búsqueda, surgió la necesidad de la formación de un colectivo teatral en la escuela, volcado a la investigación, el diálogo, la creación y el montaje del espectáculo. El Teatro de los Oprimidos de Augusto Boal, se ha utilizado como un medio de acción y reflexión acerca de los temas tratados y, principalmente, en la relación entre opresores y oprimidos. Utilizando la técnica *Quebra da Repressão*, el grupo refleja, en la escena, posibles actitudes para no aceptar pasivamente la represión impuesta por sus opresores, pensando en una mejor manera de ejercer su derecho y ciudadanía. Desde la formación del grupo, se crearon varias asociaciones. Posibilidades que amplían la actividad teatral dentro de la escuela y acercan aún más la comunidad escolar. De este modo, presento el relato de la experiencia del proceso de formación del grupo e y de la obra *Transcorpos*, así como sus desarrollos para los propósitos de esta investigación.

Palavras Clave: Teatro; Escola Parque de Ceilândia; violencia de género; Escola Sem Partido; Transcorpos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de concluir este projeto com saúde física e mental, sobretudo em um momento tão difícil pelo qual o mundo passa com essa pandemia.

Aos meus filhos, Isadora e Theo, que, mesmo tão pequenos, compreenderam a necessidade de minha ausência em muitos momentos em prol da concretização deste sonho.

Ao meu companheiro Bernardo, por toda parceria e paciência ao longo desse processo e de tantos outros.

À minha mãe Hosana e ao seu infinito amor, sem ela e seu apoio eu provavelmente não teria conseguido concluir este projeto.

Aos meus queridos alunos que se dispuseram a estar comigo em horários extracurriculares e por terem compartilhado todas as angústias e alegrias da construção desse processo, compondo hoje o grupo Artocracia Cênica.

Agradeço à Escola Parque Anísio Teixeira, pelo apoio e parceria na implementação desse projeto.

Aos professores e amigos Luciano Lopes e Itamiran Barbosa, por todo o incentivo e companheirismo.

Ao meu amigo e professor Marcus Rocha, pela bela composição musical feita especialmente para a peça Transcorpos.

Aos meus colegas e professores do ProfArtes, com quem tive o prazer em compartilhar essa experiência. Em especial ao professor José Mauro, que, mesmo antes de ingressar no programa, já me incentivava. Ao professor Graça Veloso, que me acompanha desde a graduação e tem me ensinado bastante sobre os conceitos da etnocologia.

À querida Tatiana Lionço, por ter sido minha inspiração na escolha do tema, em especial quando palestrou na Câmara Legislativa do Distrito Federal, ressaltando a importância de se discutir questões de gênero na Educação. Agradeço por ter aceitado o meu convite de fazer parte da minha banca de defesa.

Por fim, ao meu orientador Rafael Villas Bôas, que me enriqueceu grandemente com todos seus ensinamentos. Por todas as oportunidades de parcerias, por sua generosidade e competência, as quais me conduziram em todo esse processo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manifestação do <i>Ele Não</i> em 29/09/2018	17
Figura 2: Manifestação em prol das universidades e da educação brasileira. Brasília 15/05/2019.....	24
Figura 3: Remoção de barracos na Vila do IAPI, 1971	31
Figura 4: Inauguração oficial da Feira Central de Ceilândia em 1984	31
Figura 5: Fachada da entrada da EPAT.....	38
Figura 6: Alunos na Mostra de Teatro sobre diversidade da EPAT. Outubro de 2017	48
Figura 7: Recepção das ativistas trans do Trafem, Petra Moreira Cruz e Lucci Laporta, e convidado especial Luciano Lopes Machado	49
Figura 8: Apresentação da <i>Transcorpos</i> no FESTA	51
Figura 9: Grupo Artocracia Cênica com o cineasta Adirley Queirós	53
Figura 10: Participação do Grupo Artocracia Cênica no filme <i>Mato Seco em Chamas</i> , do cineasta ceilandense Adirley Queirós, com estreia prevista para 2020	53
Figura 11: Primeira apresentação do grupo na semana universitária da UnB, no campus de Planaltina	54
Figura 12: Apresentação da primeira parte da peça na Mostra de Teatro da EPAT em 2017 .	54
Figura 13: Ensaio da peça <i>Transcorpos</i> com o grupo Artocracia Cênica, em Agosto 2019....	55
Figura 14: Ensaio, Agosto 2019	55
Figura 15: Reunião do Grupo Artocracia Cênica	56
Figura 16: Reunião do Grupo Artocracia Cênica	56
Figura 17: Arte gráfica da peça <i>Transcorpos</i> feita por Igor	57
Figura 18: Grupo Artocracia Cênica na IV Mostra de Teatro da EPAT	57
Figura 19: Peça <i>Transcorpos</i> . Apresentação na Mostra de teatro da EPAT.....	58

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – CENÁRIO RECENTE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.....	15
1.1 Democratização da Educação.....	15
1.2 Escola sem Partido.....	25
1.3 Questões de gênero	27
CAPÍTULO II – CEILÂNDIA E A ESCOLA PARQUE ANÍSIO TEIXEIRA.....	29
2.1 Ceilândia, a maior cidade satélite do Distrito Federal.....	29
2.2 Contribuições de Anísio Teixeira	34
CAPÍTULO III – GRUPO ARTOCRACIA CÊNICA E A CRIAÇÃO DA PEÇA	
TRANSCORPOS	36
3.1 Formação do Grupo Artocracia Cênica.....	38
3.2 Metodologia e Processo de Montagem	41
3.3 Peça Transcorpos.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS	63
APÊNDICES.....	67
Apêndice 1: Texto da peça <i>Transcorpos</i>.....	68
Apêndice 2: Depoimentos dos alunos.....	78
ANEXOS	81

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca contextualizar uma forma metodológica de teatro desenvolvida na Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia (EPAT). Voltado à diversidade, busca alternativas de enfrentamento às violências diárias sofridas pelas minorias, principalmente sobre questões de gênero. São opressões que fazem com que milhares de adolescentes abandonem a escola por serem vítimas de preconceito e exclusão.

A pesquisa relata a experiência de formação do grupo teatral Artocracia Cênica, coletivo formado por estudantes da EPAT que se dispuseram a participar em horário extracurricular. O grupo é composto por adolescentes entre 13 e 19 anos que aceitaram participar do projeto através da pesquisa, do debate e da montagem da peça Transcorpos. A peça foi apresentada na Semana Universitária da Faculdade UnB Planaltina (FUP), em 26/09/2019; no Festival Estudantil de Teatro Amador (FESTA), em 30/10/2019; e na Mostra de Teatro da Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia, em 28/11/2019.

De acordo com matéria de 2016 do Correio Brasiliense, uma pesquisa conduzida pelo defensor público João Paulo Carvalho Dias, presidente da Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), estima que o país concentra 82% de evasão escolar de travestis e transexuais, uma situação que aumenta a vulnerabilidade dessa população e favorece os altos índices de violência que ela sofre (HANNA; CUNHA, 2016).

Para o trabalho de criação artística que desenvolvi, foi importante considerar, no cenário recente da educação brasileira, dinâmicas conservadoras de engajamento, como a proposta “Escola Sem Partido” e a bandeira da “ideologia de gênero”. Tal projeto, mesmo não aprovado, faz parte do modelo educacional de combate às ideologias “esquerdistas”, em curso com o atual governo de Jair Messias Bolsonaro. Sem propostas efetivas na área da Educação, a preocupação do governo é o combate aos pensamentos ditos ideológicos, não apresentando projetos que, de fato, assegurem uma educação de qualidade. Dentre as suas principais medidas, destacam-se os ataques às Universidades, cortando significativamente verbas que seriam destinadas à pesquisa científica e demais setores. Ademais, há a desvalorização dos cursos de Humanas, como Filosofia e Sociologia, e, ao mesmo tempo, o lançamento da proposta do programa “Future-se”, cujo principal objetivo é a entrega do sistema educacional aos conglomerados privados.

Partindo dessa afirmativa, venho trazer com esta pesquisa a necessidade que tive de realizá-la no momento atual da minha vida. Uma necessidade de introduzir e ser introduzida ao pensamento crítico e ao diálogo com meus pares, bem como com todos aqueles que sentem

a necessidade desse amparo nos dias atuais. É saber que não estou sozinha e que, de mãos dadas, somos mais fortes. É ter a certeza de que o conhecimento não é mera abstração que pode ser mudado apenas por diálogos vazios; que a educação ainda é um meio de emancipação social e econômica; que o teatro é uma ferramenta poderosíssima para a compreensão da realidade e uma das principais formas de rebeldia contra sistemas opressores, os quais ignoram estatísticas, conhecimento científico, apostam somente em autoverdades e escolhas pessoais. Como resistir ao adoecimento num país (des)controlado pelo perverso da autoverdade? (BRUM, 2019).

O interesse por esta pesquisa foi estabelecido a partir dos seguintes fatores: pela necessidade do amparo teórico e constitucional sobre os temas que envolvem minha prática docente e todos os desafios que ela representa; por experiências no ambiente escolar que envolvem relações de violência frequentes contra pessoas LGBTQI+; pela exclusão desses mesmos grupos ao direito à educação, já que a maioria abandona por sofrerem violência psicológica, verbal ou física. No país onde mais se mata LGBTQI+ no mundo, não se tem políticas públicas efetivas. A guerra ideológica travada pelo atual governo, baseada em fundamentalismo religioso, faz com que muitos desses estudantes acabem na prostituição, ou como número no aumento dos índices de depressão e de suicídios no país.

Esta pesquisa busca propor, por meio do teatro, um diálogo sobre essas questões e, principalmente, sobre o papel da escola, em particular sobre a forma de censura que vem sendo estabelecida por meio de projetos de lei como o “Escola Sem Partido” 246/19. Essa proposta, mesmo engavetada, prevê o não diálogo e a denúncia, que têm tomado espaço e consolidado o medo e a desvalorização de professores.

Primeiramente, é de suma importância situar meu lugar de fala. Brasileira, vinda do interior do estado de Goiás para Brasília ainda na infância, mulher, cisnormativa, heterossexual, branca, casada, mãe, espiritualista ecumênica e pertencente à classe trabalhadora (sou professora de Artes Cênicas em escola pública na cidade de Ceilândia Distrito Federal, cidade onde se encontra a maior periferia da América Latina).

Por algumas vezes, fui questionada sobre representatividade e o porquê de fazer a defesa de grupos aos quais eu não pertencia. Os únicos argumentos que tenho como propriedade de fala é o fato de ser mulher e de pertencer à classe trabalhadora, o que já me renderia muita coisa a discorrer sobre o assunto. Contudo, seria impossível pensar e falar somente das opressões desse meu lugar de fala sem levar em conta todas as outras que acontecem diariamente, mesmo não sendo minhas. É com muita alteridade que me coloco a discutir essas questões, de modo a ser apenas uma interlocutora da minha própria

aprendizagem e da troca que faço com todos aqueles com quem tenho o prazer de conviver diariamente, em sala de aula, meus alunos. Como professora, tenho exercitado bastante o senso ético do ofício, que me demanda, como intelectual, interpretar e intervir na realidade que considero desigual. Essa é uma atitude ética e civilizatória que deveria ser de todos nós.

A pesquisa busca situar o lugar da Arte no Brasil contemporâneo e a desvalorização dos meios artísticos em geral; fazer uma análise do processo educativo no Brasil e do seu movimento de desmonte; propor uma reflexão sobre a ruptura política de fatores que contribuíram para o aumento da intolerância e do não diálogo dentro do ambiente escolar; debater sobre a forma de censura que vem sendo estabelecida aos professores e à liberdade de cátedra; e identificar como o teatro pode atuar como ferramenta facilitadora da promoção do diálogo, da reflexão e do enfrentamento a tais violências.

A metodologia apresentada viabiliza o diálogo entre diversos temas, como: violência contra mulher, homofobia, racismo, questões de gênero, questões sociais, de poder, etc. Esses temas fazem parte das questões sobre relações de poder que estão diretamente ligadas aos direitos humanos; sobre políticas que estão sendo reprimidas quando, na verdade, devem ser discutidas e incorporadas em um contexto global, de modo a minimizar o sofrimento de grupos que sempre estiveram à margem do colonialismo eurocêntrico cristão, aqui estabelecido.

Então, diante do exposto, qual o papel da escola na abordagem desses temas? Será que estão preparadas para abordar todas essas questões de forma ampla e legítima? Como lidar com o novo formato de governo onde o Estado é o principal opressor de todas essas questões, travando uma verdadeira guerra ideológica contra a educação brasileira? Qual o papel do teatro nisso tudo? E, principalmente, o meu como professora de teatro que representa o Estado no contexto público?

É importante ressaltar que, a partir dos diálogos estabelecidos em sala de aula, durante o processo, vi a necessidade da formação de um grupo de pesquisa mais efetivo. O mesmo é composto por alguns alunos que fazem parte das oficinas de teatro da escola e outros que já passaram por ela, mas que agora retornam para compor ricamente esses diálogos. O convite foi feito. A partir do trabalho que eu já desenvolvia na escola e no vínculo de confiança estabelecido ao longo de cinco anos, o grupo teve início com vinte adolescentes entre 13 e 19 anos. Iniciamos os encontros em maio de 2019, em horário extracurricular ao atendimento da escola. Foi elaborado um projeto e apresentado à direção da escola, que autorizou nossa atuação cedendo o espaço físico. O grupo surge como proposta de um teatro político, no qual a pesquisa e o debate se tornam necessários para uma compreensão do cenário atual.

A motivação para a formação desse grupo surgiu a partir de um estudo aprofundado com alguns alunos sobre os mais recentes índices de violência no cenário brasileiro. Após o levantamento, fizemos um diagnóstico de possíveis causas. Desde então, foram criados pequenos fragmentos de discussão, que serviram de apoio à construção de uma dramaturgia própria a respeito do tema abordado. Depois do processo colaborativo para a construção da dramaturgia, a peça contou com características do Teatro Dialético, de Bertolt Brecht, cuja relação entre atores e espectadores é de fundamental importância para as reflexões propostas. De forma ousada, a pretensão era apresentar uma proposta de mediação pedagógica que dialogasse com os estudantes de outras escolas e que envolvesse um produto final, além da realização de atividades a serem trabalhadas pelos professores em suas salas de aula.

A pesquisa foi realizada no cenário da Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia (EPAT), onde atuo como professora de Artes Cênicas. A escola nasceu por meio de um movimento de resistência e tem como objetivo levar a proposta de Anísio Teixeira, que teria idealizado uma educação de forma integral, a todas as regiões administrativas do Distrito Federal. Hoje, Ceilândia é a maior área administrativa do DF, contando com mais de 400 mil moradores, e uma das mais carentes também. Os índices de violência ainda são grandes e preocupantes, porém, várias ações estão sendo feitas na própria cidade por parceiros, como forma de minimizar esses fatores. Todas essas inquietações foram propulsoras à iniciativa da pesquisa.

A crescente violência nas escolas e na sociedade de forma geral, a falta de diálogo e os mecanismos que tentam cercear uma abordagem ampla e crítica sobre questões de gênero, sociais, raciais, apontam para a necessidade de buscarmos caminhos de enfrentamento. A pesquisa busca situar historicamente a educação brasileira juntamente com o ensino de arte, tendo em vista o momento de censura que vem sendo imposto pela atual política brasileira. Através do teatro e de autores como Bertolt Brecht e Augusto Boal, proponho uma metodologia que possa dialogar sobre temas tabus por meio de jogos e criação dramatúrgica; envolver de forma dialética o público participante e estimulá-lo a pensar certas questões que ainda são vistas com preconceito, não só no ambiente escolar como também fora dele.

Ademais, a partir de Paulo Freire e sua pedagogia da autonomia, o trabalho é uma proposição de afeto e de formação democrática através do diálogo. Esta pesquisa pretende fortalecer, por meio do teatro, estudantes conscientes e capacitados a pensar de forma crítica e a enfrentar os desafios do hoje na luta por seus direitos. Muitos desses estudantes já vivem essa relação de opressão e contribuíram significativamente para o enriquecimento coletivo do grupo.

Nesse sentido, apresento como é desenvolvida a metodologia de teatro na EPAT, voltada a uma transformação social, tendo o estudante como principal protagonista. É um grande desafio debater certos temas quando se está inserido em uma realidade cada vez mais opressora e excludente, quando o politicamente correto se torna obsoleto, quando fundamentalismos religiosos ditam o que é certo e o que é errado, tudo baseado apenas em uma visão literal do que foi escrito há milhares de anos.

Em termos metodológicos, esta pesquisa baseia-se em uma linha teórico-prática docente, em que, através das experiências em sala de aula na Escola Parque, juntamente aos estudos teóricos, são desenvolvidas e aplicadas possibilidades de ação, propiciando que o teatro possa agir como agente transformador desses estudantes e, por consequência, da comunidade de Ceilândia onde estão inseridos. Por fim, apresento um relato da experiência que trata da abordagem de questões de violência com a diversidade em tempos de censura aos professores, à educação brasileira e, principalmente, às minorias.

CAPÍTULO I – CENÁRIO RECENTE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

1.1 Democratização da Educação

Na prática, demanda-se da escola a necessidade de preparar os estudantes para uma formação crítica e consciente de seus lugares de fala na sociedade, cujas matérias e conteúdos específicos não podem ser mais importantes do que a criação de posturas favoráveis à autocrítica e à independência intelectual. É possível inferir que a escola tem acrescida à sua função social de garantir uma formação básica a de também propiciar a inserção crítica no mundo social e do trabalho, numa perspectiva de pertencimento e solidariedade, como apresenta Moreira (2003, p. 66-67):

Há ainda outra preocupação [...] – como podemos pensar uma escola que contribua um pouco para alguma coisa que estou chamando de solidariedade, por falta de um nome melhor? [...] Acho que o multiculturalismo e todos esses estudos de gênero, de raça e de sexualidade etc., eles podem, num certo sentido, ou focalizar apenas uma determinada situação, ou eles poderiam, talvez, contribuir para alguma dificuldade em termos de um projeto mais coletivo, mais comum. [...] Como é que podemos, de fato, pensar em alguma coisa que articule lutas em prol de um projeto coletivo, de um mundo mais justo? Agora, a escola, ela pode ou não pode, ela tem ou não tem condições de tentar atuar de uma maneira que ajude a criança a perceber como essas diferentes situações de opressão estão acontecendo? Acho que isso a escola pode fazer.

Isso remete à necessidade de uma observação a respeito da função da escola em relação à origem social dos alunos, particularmente em relação à escola pública, como sendo aquela voltada fundamentalmente para a educação de crianças das camadas populares, que vivem numa situação de vulnerabilidade social. Mendonça (2011), ao refletir sobre os sentidos e significados na escola, pensa em uma escola que tenha na humanização o foco para uma educação emancipadora:

O caos presente na escola expressa, por um lado, a ausência de sentidos que favoreçam o processo emancipador da construção da humanidade em cada indivíduo; por outro, a necessidade de uma relação direta, intencional com o significado social da escola, que não é algo estático, é dinâmico, representativo dos novos conteúdos históricos da sociedade. Pensar a escola como espaço do encontro de sentidos e significados exigirá a elaboração de um projeto social maior, que rompa com a lógica do capital, que tenha na humanização o foco central da emancipação política, social e econômica (MENDONÇA, 2011, p. 355).

Nesse sentido, a escola, principalmente a pública, dentre seus princípios básicos, deve ser universal, gratuita e laica, uma instituição da sociedade, não do mercado e, portanto, um espaço da diversidade de culturas, valores, escolhas políticas e religiosas, ou opções ateias e agnósticas. De acordo com Nussbaum (2015), o que se observa em vários países do mundo é

justamente a eliminação das humanidades e das artes nos currículos. Com o foco na competição em um mundo cada vez mais capitalista, administradores públicos desqualificam tais temas, menosprezando a formação de pessoas construtivas e criativas, fazendo com que elas percam cada vez mais o seu senso crítico e colocando em risco as democracias no mundo.

Obcecados pelo PNB, os países – e seus sistemas de educação – estão descartando, de forma imprudente, competências indispensáveis para manter viva a democracia. Se essa tendência prosseguir, todos os países logo estarão produzindo gerações de máquinas lucrativas, em vez de produzirem cidadãos íntegros que possam pensar por si próprios, criticar a tradição e entender o significado dos sofrimentos e das realizações dos outros. É disso que depende o futuro da democracia. (NUSSBAUM, 2015, p. 04).

A política está presente em todas as nossas relações sociais e significa a arte de governar. Seus principais objetivos são organizar o modo de vida das pessoas e promover o bem público, ou seja, de todos, tendo como característica fundamental a mediação de conflitos na sociedade. A capacidade de raciocinar e refletir criticamente é extremamente importante para a continuidade de qualquer sistema democrático, pois implica conviver de forma interdependente em um mundo com diversas culturas, economias, religiosidades e crenças.

Toda democracia moderna é também uma sociedade na qual as pessoas se diferenciam bastante segundo um grande número de parâmetros, entre eles religião, etnia, riqueza e classe, incapacidade física, gênero e sexualidade, e na qual todos os eleitores fazem escolhas que têm um impacto significativo na vida das pessoas que discordam deles. Um modo de avaliar qualquer sistema educacional é perguntar quão bem ele prepara os jovens para viver numa forma de organização social e política com essas características. Sem o apoio de cidadãos adequadamente educados, nenhuma democracia consegue permanecer estável (NUSSBAUM, 2015, p. 10-11).

Atualmente, em alguns países do mundo, uma onda de extrema direita tem avançado como forma de resgatar o conservadorismo de padrões de uma estrutura patriarcal. Com a globalização, formas cosmopolitas são vistas como ameaça, o status hierárquico de uma classe dominante se vê abalado por invasões de ideias liberais. Diante disso, governos fascistas surgem no intuito de desumanizar certos grupos da sociedade, gerando uma limitação da capacidade de empatia entre os cidadãos. De acordo com Stanley (2018), isso justificaria o tratamento desumano, a repressão da liberdade, da prisão em massa e da expulsão, até, em casos extremos, do extermínio generalizado de alguns grupos.

No Brasil, um país multicultural, vemos ascender ao poder características fascistas que ganham maior visibilidade com a chegada de Jair Messias Bolsonaro à presidência da República. Em seus quase 30 anos de vida política, não obteve grandes feitos, nunca omitiu de seus discursos suas opiniões racistas e homofóbicas, ganhando apoio entre aqueles que se

sentiam ameaçados pelo politicamente correto. Fã declarado da ditadura militar e do autoritarismo, foi ganhando espaço e suas atitudes foram sendo toleradas pelas instituições.

Na votação do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Roussef, ao dar seu voto favorável, homenageou um dos maiores torturadores da ditadura militar, Alberto Brilhante Ustra, torturador de Dilma. No mesmo dia, lançou sua campanha à presidência da república, com forte apelo nacionalista, cujo slogan foi: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. Vários movimentos de protesto eclodiram pelo país e o maior deles foi orquestrado por milhares de mulheres que saíram às ruas para pedir o “Ele Não”.

Figura 1: Manifestação do *Ele Não* em 29/09/2018



Fonte: arquivo pessoal.

Atualmente, o país se encontra dividido. Após a vitória de Bolsonaro, discursos de ódio pautas moralistas têm feito parte do governo, composto, em sua maioria, por militares¹. Essa estrutura faz menção a um dos períodos mais antidemocráticos vividos no Brasil, a

¹ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/militares-da-ativa-ocupam-2-930-cargos-nos-tres-poderes/>

ditadura militar. De acordo com Stanley (2018), a política fascista nega qualquer momento sombrio do passado de uma nação.

Os políticos fascistas justificam suas ideias ao aniquilar um senso comum de história, criando um passado mítico para respaldar sua visão do presente. Eles reescrevem a compreensão geral da população sobre a realidade distorcendo a linguagem da idealização por meio da propaganda e promovendo o anti-intelectualismo, atacando universidades e sistemas educacionais que poderiam contestar suas ideias. Depois de um tempo, com essas técnicas, a política fascista acaba por criar um estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado. (STANLEY, 2018, não paginado).

O regime instaurado no ano de 1964 durou até o ano de 1985. Nesse período, as liberdades civis foram questionadas e, a partir do código de processo penal militar, permitiu-se que o Exército brasileiro e a Polícia Militar pudessem prender e encarcerar pessoas consideradas suspeitas, impossibilitando qualquer revisão judicial. Com a desaceleração da economia, que mantinha uma inflação altíssima e aumentava cada vez mais a desigualdade de classes no país, o regime perdeu força e o Brasil voltou aos trilhos da democracia, depois de 30 anos, o que resultou na promulgação da Constituição de 1988.

Uma breve retrospectiva de alguns pontos importantes se faz necessária para o entendimento do momento atual. Depois de um longo período de ditadura, a Constituição de 1988 trouxe uma abertura democrática ao país. Grupos sociais se articularam e garantiram direitos e garantias atribuídas ao Estado. Os sindicatos se fortaleceram e passaram a reivindicar melhores condições de trabalho. A educação passou a ser um direito social obrigatório, conforme estabelecido no artigo 6º, com responsabilidade do Estado, da família e da sociedade.

A elite do país, que antes escolhia e lançava seus representantes, viu ascender ao poder uma liderança popular. Luís Inácio Lula da Silva, nordestino, veio como tantos retirantes juntamente com a família para o estado de São Paulo, com o intuito de sair da miséria e da fome que muitos ainda viviam no Nordeste do país. Tornou-se forte liderança entre os metalúrgicos e chegou a liderar a primeira greve de operários do ABC Paulista, em plena ditadura militar. Em 1980, criou o Partido dos Trabalhadores (PT) e, em 1989, se candidatou à presidência da república. Depois de três derrotas, mesmo representando um partido de esquerda, viu-se obrigado a assinar a “Carta aos Brasileiros”, pela qual, caso eleito, confirmava que não faria grandes mudanças no setor econômico. Somente em 2003 Lula se elegeu presidente.

A vitória de Lula na eleição de 2002 foi resultado da perda de prestígio do governo de Fernando Henrique Cardoso e entendida pelo historiador Boris Fausto (2013, p. 523) como

“resultado da democratização da política e da sociedade brasileira”. Seguiu, então, a política econômica do governo de FHC, controlando a inflação e mantendo a estabilidade do Real. Lula conseguiu dessa forma manter o rumo do desenvolvimento econômico, elevando o Brasil à oitava maior economia mundial, combinação de vários fatores, dentre eles o aumento do PIB e o pagamento do Fundo Monetário Internacional (FMI).

Como promessa de governo e a partir de programas sociais, conseguiu retirar o Brasil do Mapa Mundial da Fome em 2014, segundo relatório global da Organização das Nações Unidas (mds.gov.br). Entre os principais programas sociais do governo PT estão: “Bolsa Família”, “Programa de Erradicação do Trabalho Infantil” (PETI), criado na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, “Luz Para Todos”, “Brasil Alfabetizado”, “ProUni” e “Minha Casa, Minha Vida”.

Com a criação de empregos e a melhoria da condição econômica de grande parte da população, as classes mais baixas tiveram seu padrão de vida melhorado. Classes dominantes que antes ostentavam seus privilégios sobre as desigualdades estruturantes do Brasil colônia se viram ameaçadas com a política de igualdade estabelecida pelo governo do PT. Com políticas voltadas à diminuição dessas desigualdades, cotas foram implementadas para garantir o ingresso de pessoas negras às universidades. Foi criado o Estatuto da Igualdade Racial e os movimentos negros passaram a não aceitar passivamente ser a maioria nas piores estatísticas, ter menos tudo e morrer mais e mais cedo (BRUM, 2019). Foi criada a PEC das empregadas domésticas, classe comumente ocupada por mulheres e negras, além da garantia de direitos trabalhistas que outras categorias já tinham e que sempre foram negadas a elas, como o limite da jornada de trabalho e FGTS.

Com os direitos civis em ascensão, mulheres começaram a denunciar violências sexuais e de gênero, fazendo com que homens fossem denunciados a partir da Lei Maria da Penha (Lei nº 11340/06). Essa normativa, mesmo não sendo tão eficaz, fez com que muitos homens se sentissem ameaçados. Na mesma direção, movimentos LGBTQI+ se fortaleceram e também passaram a denunciar a homofobia e a transfobia.

Com uma política econômica de sucesso e uma política externa de prestígio internacional, a imagem positiva de Lula foi fortemente abalada por casos de corrupção envolvendo pessoas diretamente ligadas à sua base política. O mais conhecido foi o Mensalão, em que membros da cúpula do governo realizavam a compra de parlamentares a partir de “Caixa 2”, de modo que fossem aprovadas as pautas de interesse da gestão.

O Brasil passou por uma forte recessão já no governo da presidenta Dilma Rousseff, indicada por Lula. Foi a primeira mulher a ocupar a presidência do país. Ganhou a reeleição

por uma porcentagem bem pequena, momento em que o mundo passava novamente por uma recessão, o que acabou por influenciar a economia brasileira. Mesmo reduzindo investimentos em várias áreas dos programas sociais, sofreu um *impeachment* por ter sido acusada de pedaladas fiscais e improbidade administrativa.

A partir do que é considerado por analistas como um golpe branco, resultado de uma ação articulada entre os setores parlamentar, midiático, jurídico e empresarial, sofrido no Brasil em 2016 pela presidenta eleita democraticamente Dilma, um novo pacto social, político, jurídico, militar, empresarial se instalou no país com a vitória de Bolsonaro.

A democracia passou a ser apenas acessório para a racionalidade neoliberal ou ultraliberal. O que parecia compatível com regime de direitos, pelo menos em sua forma, nos países periféricos, evidencia-se agora a sua incompatibilidade com regimes inclusivos numa democracia de minorias. O neoliberalismo ataca diretamente a democracia entendida como a construção de um futuro político coletivo, porque os direitos são incompatíveis com o sistema neoliberal, o qual se constrói na lógica cada vez maior de acumulação. A riqueza se concentra em porcentagens mínimas e em grandes proporções estão a marginalidade, a precarização e a vulnerabilidade de massas que atinge milhões de pessoas. O Brasil voltou ao mapa da fome. Freitas (2020) descreve como principais características desse sistema de poder:

[...] limitar ou dificultar o voto do cidadão, ou pelo seu oposto, facilitar para que o cidadão não se manifeste na eleições (voto não obrigatório, por exemplo); impedir os processos de organização social dos mais desfavorecidos; não transferir impostos para os menos favorecidos e barrar os processos de redistribuição de renda; destruir a organização dos trabalhadores, a atuação dos sindicatos e confederações; destruir a atuação e organização dos movimentos que lutam pelos direitos humanos; atuar contra os imigrantes e contra ações de preservação do meio ambiente; desregular a atuação das corporações; privatizar tudo que for possível; propor formas de proteção constitucional quase que irrevogáveis, que evitem o impacto de eventuais decisões contrárias ao livre mercado, entre outras. Tudo isso em alto e bom som. (FREITAS, 2020, p. 27).

Essa dinâmica do neoliberalismo é totalmente incompatível com uma democracia de direitos que conta com um capitalismo predatório. A questão vai de encontro com o individualismo meritocrático, que rejeita o tecido coletivo. É como se qualquer tipo de problema fosse resolvido pela lógica do trabalho, do esforço, do individual, tornando a luta coletiva e o engajamento coletivo questões secundárias à solução de problemas. Ascende uma lógica individualista pseudo religiosa de trabalho, na qual o esforço, o suor e o sacrifício dignificam o homem. Nesse sentido, o indivíduo é lançado em um vácuo social que conta com um individualismo violento, mascarado pelo empreendedorismo.

Ao eliminar direitos sociais, transformando-os em “serviços a serem adquiridos”, o neoliberalismo derruba a proteção social, que tornou o trabalhador mais exigente (e

mais caro) frente ao empresário – exatamente por contar com proteção social do Estado (p. ex. saúde, educação, previdência, leis trabalhistas). Desprotegido, o trabalhador acaba por ser obrigado a aceitar as imposições do mercado. (FREITAS, 2020, p. 24).

O país reacende a chama do conservadorismo impulsionado pelo fundamentalismo religioso. Uma onda de retrocessos começou a se instalar gradualmente no país. A retirada de vários direitos sociais, entre eles os trabalhistas, foi aprovada com a perspectiva de melhoria no número de desemprego que assola o país, o que não tem acontecido. Foram extintos os Ministério do Trabalho e da Cultura, além de terem sido congelados os investimentos nas áreas de Educação e Saúde por 20 anos.

A soberania brasileira tem se enfraquecido com a privatização de vários setores a preços mínimos. O agronegócio vem ganhando força e mais de duzentos agrotóxicos na alimentação dos brasileiros² foram liberados só no ano de 2019. O desmatamento na Amazônia aumenta e uma luta se trava diariamente entre indígenas, mineradores e madeireiros. Uma grande queimada acontece na Amazônia, orquestrada através de um grupo de *WhatsApp* por produtores rurais, comerciantes e grileiros, o chamado Dia do Fogo³, que aconteceu no dia 10 de agosto de 2019, colocando o Brasil novamente nos principais debates internacionais.

No início de seu mandato como presidente, em 25 de janeiro de 2019, aconteceu o maior desastre ambiental da história do país, o rompimento da Barragem de Brumadinho, em Minas Gerais, um desastre de grandes proporções que deixou 259 vítimas e 11 desaparecidos. O acidente de Brumadinho foi o segundo em menos de 5 anos na região. O primeiro foi na cidade de Mariana em 2015, todos ocasionados pela mineradora Vale S.A., a companhia multibilionária privatizada pelo governo FHC.

Mesmo com a tragédia, o Governo Federal, apoiado por grandes empresários, foi favorável ao afrouxamento das leis ambientais e estimulou a mineração em terras indígenas. No mesmo ano, várias lideranças indígenas foram assassinadas.

Contudo, uma das áreas mais devastadas nesse governo tem sido a Educação, na qual uma verdadeira crise se instala. Em apenas três meses, o então ministro da pasta Ricardo Vélez Rodríguez, colombiano naturalizado no país desde 1997, promoveu uma série de medidas que vão contra a execução de metas e ações prioritárias. Primeiro o MEC publicou um edital que permitia a compra de livros didáticos com erros de português e propaganda, ocasião em que a abordagem sobre diversidade étnica e ações de combate à violência contra

² Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2019/12/28/numero-de-agrotoxicos-registrados-em-2019-e-o-maior-da-serie-historica-945percent-sao-genericos-diz-governo.ghtml>

³ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49453037>

mulher também foram desmerecidas, anulando-as em seguida. Vários funcionários foram demitidos, gerando grande instabilidade no grupo. Na sequência, o ministro soltou declarações de injúria sobre brasileiros que viajam ao exterior e enviou carta às escolas pedindo que crianças fossem filmadas sem autorização dos pais cantando o Hino Nacional. Rodríguez foi demitido da pasta na mesma semana em que o governo completou 100 dias. O presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (Inep) também foi demitido após divergências sobre os conteúdos que seriam abordados no ENEM.

Como principais alvos de censura do governo Bolsonaro estão a Educação e a Cultura. Com a proposta ideológica definida, pretendem expulsar do Ministério da Educação qualquer resquício de marxismo cultural ou de pensamentos esquerdistas, promovendo sérios ataques ao patrono da educação brasileira Paulo Freire, o terceiro teórico mais citado em trabalhos acadêmicos no mundo. O combate ao marxismo cultural do atual governo é abordado por Iná Camargo (2020) como um resgate que, primeiramente, faz referência ao nazismo alemão, que usa o termo associado à cultura judaica. Adolf Hitler acreditava e, inclusive, deixou registrado em um livro escrito por ele, intitulado *Mein Kampf* [Minha luta], que as experiências culturais desenvolvidas pelos bolcheviques atentavam contra o povo alemão.

Esta guerra cultural atingiu os intelectuais, os artistas e as obras que fizeram a paisagem da República de Weimar, nacionais e estrangeiras, com destaque para as de origem soviética, mas sem prejuízo de franceses, ingleses e estadunidenses. Artistas foram presos, conduzidos a campos de concentração e assassinados ou, quando tiveram sorte ou a devida sagacidade, partiram para o exílio. Obras de arte foram confiscadas de museus e destruídas e livros foram queimados em sucessivos espetáculos públicos de bibliocausto (COSTA, 2020, p. 24).

A segunda aparição do termo marxismo cultural, ainda de acordo com Costa, aconteceu nos Estados Unidos. Precusores da Escola de Frankfurt teriam imigrado ao fugirem do nazismo, momento em que disseminaram ideias subversivas à cultura estadunidense. O grupo seria constituído por judeus que combinavam ideias de Marx, Freud, arte moderna e contaminavam o espírito da contracultura dos anos 1960. Quanto à expressão marxismo cultural,

[...] seu uso data do início da década de 1990. Seus primeiros usuários são cristãos fundamentalistas, ultraconservadores, supremacistas – enfim, a extrema direita estadunidense. Uma das mais eloquentes manifestações da tendência é o movimento *Iluminismo sombrio* (que não se perca pelo nome) – antítese assumida do *iluminismo*, que prega a moral vitoriana do século XIX, uma ordem tradicionalista e teocrática, declara guerra aberta a todo conhecimento científico e, em primeiro lugar, ao *marxismo cultural*. Os objetos mais imediatos de sua fúria conservadora são o feminismo, a ação afirmativa, a liberação sexual, a igualdade racial, o multiculturalismo, os direitos LGBTQ e o ambientalismo. (COSTA, 2020, p.38).

O combate do atual governo à Educação também atinge as universidades. Cursos como Filosofia e Sociologia (Ciências Humanas) são alvos diretos dos ataques, que incluem a ameaça de cortes orçamentários. De acordo com Saviani e Newton (2015), as situações de crise são épocas propícias à Filosofia, já que nos obriga a compreender as raízes do problema e a pensar em alternativas para sua superação. No entanto, na contramão dos países que investiram maciçamente em Educação e pesquisa para sair da crise, o governo cortou substancialmente os investimentos de entidades que financiam as bolsas de pesquisa no Brasil, deixando milhares de estudantes sem perspectiva de continuidade das mesmas.

Várias manifestações favoráveis à Educação têm sido realizadas em todo o país em resposta aos cortes feitos nas Universidades Federais, acusadas de “balbúrdia” pelo presidente Bolsonaro e pelo seu novo Ministro da Educação, Abraham Weintraub, inviabilizando, até mesmo, o pagamento de despesas básicas, como água e energia. Em contrapartida, o Ministério da Educação lançou o programa “Future-se”, programa que tem como principal objetivo a entrega do sistema educacional a conglomerados privados, o que causa grande mobilidade por parte das entidades educacionais.

Na ideologia fascista, há apenas um ponto de vista legítimo: o da nação dominante. As escolas apresentam aos alunos a cultura dominante e seu passado mítico. A educação, portanto, representa uma grave ameaça ao fascismo ou se torna um pilar de apoio para a nação mítica. Não é de se espantar, então, que os protestos e confrontos culturais nos campi universitários representem um verdadeiro campo de batalha político e recebam atenção nacional. Há muita coisa em jogo. (STANLEY, 2018, não paginado).

Em resposta aos ataques na Educação, várias mobilizações se intensificaram pelo país. As chamadas “Tsunames da Educação”⁴, nome dado às inúmeras pessoas que se mobilizaram, uniram várias entidades de classe, como: estudantes, sindicalistas, professores, etc. Universidades de todo o mundo, incluindo o Brasil, têm sido epicentros de protestos contra injustiças e excesso de autoridade.

Dentro das universidades, os políticos fascistas visam professores que consideram demasiadamente politizados, geralmente demasiado marxistas, e denunciam áreas inteiras de estudo. Quando movimentos fascistas estão em curso em estados democráticos liberais, certas disciplinas acadêmicas recebem destaque. Os estudos de gênero, por exemplo, são criticados por movimentos nacionalistas de extrema-direita em todo o mundo. Os professores dessas áreas são acusados de desrespeitarem as tradições da nação. (STANLEY, 2018, não paginado).

⁴ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/carta-capital/so-um-tsunami-da-educacao-pode-destruir-o-atual-cenario-de-ataques>

Figura 2: Manifestação em prol das universidades e da educação brasileira. Brasília 15/05/2019



Foto: arquivo pessoal (2019).

O retorno ao liberalismo conservador reflete o aumento da crise do capital. Logo, formas de lucro só podem ser mantidas com políticas autoritárias e violentas de superexploração e anulação dos direitos conquistados pela classe trabalhadora. (FRIGOTTO, 2018). Toda crise proveniente do modo de produção capitalista demanda do trabalhador os custos que a burguesia sornateiramente transfere da forma mais perversa possível. De acordo com Frigotto (2019, p. 6), “toda vez em que há avanços nas conquistas da classe trabalhadora que ameaçam os privilégios das velhas e novas oligarquias, interrompe-se com ditaduras ou golpes institucionais”.

Diante do momento atual em que a Educação e a Cultura são atacadas incessantemente, é preciso que micropolíticas de fortalecimento entre grupos estudantis e artísticos busquem o enfrentamento das políticas autoritárias com requintes neofacistas. Um exemplo disso é a proposta do atual governo para a Educação no Distrito Federal, pela qual várias escolas civis têm sido militarizadas. A Educação se torna um projeto de governo voltado ao capital e ao controle de corpos e mentes rebeldes, como medida destinada a coibir casos de violência.

Desse modo, escolas recebem militares para compartilhar sua gestão, interferindo diretamente no sistema democrático de cada unidade escolar. Estudantes que moram perto das escolas e deveriam ter prioridade na matrícula devem procurar outra escola, caso não optem por tal modelo de educação. Diferente de escolas militares que têm como objetivo a carreira militar, alguns trabalhadores acabam não tendo escolha sobre a escola dos filhos. De forma impositiva, escolas públicas fogem do objetivo de sua função social, cuja proposta pedagógica não compreende, nem se destina à formação ou à atuação militar, mas sim à formação para a diversidade da população brasileira (GARRIDO; FILPO, 2018).

De acordo com Frigotto (2019), no âmbito da educação escolar, até a década de 1950, a educação era concebida como um direito social e subjetivo garantido pela esfera pública. A partir disso, já na década de 1960, a Teoria do Capital Humano⁵ deslocou a educação para o incentivo do investimento privado. Com a ideia de se formar mão de obra necessária ao sistema capitalista, apostaram na meritocracia, onde cada um é capaz de prosperar somente com suas capacidades, sem precisar da ajuda da sociedade, colocando a desigualdade social como responsabilidade única do indivíduo. Nesse sentido, tal teoria tornou-se útil no sentido de mascarar a realidade e manter a consciência alienada.

[...] uma das principais armas utilizadas pela burguesia para promover essa destruição e pavimentar esses ataques é a escola. Hoje, quando a maioria dos filhos de trabalhadores se encontra na escola, quando a escola poderia se transformar num meio de socialização e de apropriação dos conhecimentos historicamente acumulados e quando eles poderiam possibilitar a luta pela emancipação, o capital se abate sobre ela, promove uma contra reforma com caráter regressivo, esvazia as possibilidades de ensinar e de aprender, pauperiza os conteúdos escolares, persegue os educadores, impede o desenvolvimento do pensamento crítico e quer instituir a lei da mordça com o objetivo de impedir que a escola cumpra seu papel, não possibilite discussões e reflexões e obrigue os trabalhadores a aceitar incondicionalmente o *status quo*. (BATISTA; ORSO; LUCENA, 2019, p. 13).

1.2 Escola sem Partido

A partir do ano de 2004, no Brasil, foi fundado o Movimento Escola sem Partido (MESP). Um de seus idealizadores foi Miguel Francisco Urbano Nagib⁶. O objetivo do MESP é disponibilizar à comunidade escolar um acervo permanente de informações sobre o problema da instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários. Nesse sentido, o site do movimento tornou-se instrumento de denúncia anônima por parte dos

⁵Teoria idealizada por Theodore W. Schütz. Consiste no conjunto de conhecimento, habilidades e atitudes que favorecem a realização de trabalho de modo a produzir valor econômico.

⁶Miguel Nagib, adepto ao catolicismo, é Procurador de Justiça do Estado de São Paulo em Brasília há 32 anos, tendo sido assessor do Ministro do Supremo Tribunal Federal de 1994 a 2002.

estudantes, ex-estudantes, pais e responsáveis sobre o conteúdo programático, o material pedagógico e as atitudes e comportamentos dos professores na transmissão do conhecimento (ESCOLA SEM PARTIDO, [2004?]).

De acordo com Zuleide Silveira (2019), suas referências se baseiam em movimentos como o *No Indoctrination*, *No brainwashing*, *No brainwashing Kids*, *No indoctrination by dogmas*, *Creation Studies Institute*, além do *Campus Watch*. Todos já são uma realidade na Austrália, nos Estados Unidos e no Canadá.

Apoiadores do movimento se baseiam na ideia de que professor não é educador, pois essa é uma responsabilidade da família e da religião. Diante disso, a função do professor consistiria na transmissão de conhecimentos neutros, sem mobilizar valores e sem discutir a realidade social do aluno. Seria a ausência de qualquer consideração ao mundo sensível que tanto abordou Paulo Freire, a separação entre cognição e emoção. Frigotto (2019) destaca o papel da escola.

Um espaço que, além do acesso ao conhecimento historicamente acumulado (ainda que acesso desigual de acordo com a origem de classe, frações de classe e diferentes grupos sociais inerentes ao capitalismo), as crianças e jovens necessitam apreender ao convívio em sociedade. Por isso, é um absurdo tanto desenvolver apenas os valores restritos do mercado quanto os valores restritos da família (FRIGOTTO, 2019, p. 4).

[...] a educação, seja ela a escolar ou a que se dá nos movimentos e práticas sociais, nas instituições religiosas ou na família é parte constituída e constituinte da sociedade onde se efetiva. Isto significa que desde a sua gênese, na constituição do modo de produção capitalista, a educação em geral, e a escola em particular, é alvo de uma disputa inscrita nos interesses antagônicos entre as classes fundamentais e os conflitos entre grupos e frações de classe. (FRIGOTTO, 2019, p. 1).

A religião vem atuando com forte participação do Estado. Divididos em frentes parlamentares, religiosos eleitos democraticamente formam a bancada evangélica. Esse grupo vem agindo como instrumentos de pressão para aprovação de pautas moralistas a fim de barrar discussões sobre a diversidade sexual, principalmente dentro da escola. Nesse movimento, o discurso religioso passa a concorrer com a ciência, relativizando seu critério de verdade objetiva, fundamentada em pesquisas científicas. Evidencia-se, assim, o embate entre religião e ciência. (SILVEIRA, 2019).

Não obstante, a principal causa para a ascensão da religião politizada não é um eleitorado religioso de massa num mundo de efetivo sufrágio universal. É a ascensão de ideologias radicais, predominantes direitistas [...] catequistas e até potencialmente revolucionárias, no modo 'fundamentalista' tradicional das 'religiões do livro', que retornam ao simples texto de suas escrituras, para com isso purificar a fé de acréscimos e corrupções. (HOBSBAWM, 2013, p. 250 *apud* SILVEIRA, 2019, p. 28).

O MESP, mesmo não sendo aprovado, tem influenciado a gestão atual do governo Bolsonaro. A atual ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, pastora evangélica, lançou no final do ano de 2019 a ideia de um canal de denúncia aos professores que atentem sobre a moral, a religião e a ética da família⁷. Seus adeptos conservadores são defensores da organização familiar tradicional, tendo por base a heterossexualidade normativa das sociedades, o paternalismo e o machismo. Mesmo assim, a escola segue resistindo a tais concepções, sobretudo na luta pelo respeito à diversidade.

1.3 Questões de gênero

As questões de gênero e sexualidade ganharam certa visibilidade nos últimos anos e reacendem na política uma luta democrática dentro dos direitos humanos. Debates tensos entre grupos políticos que divergem opiniões sobre o assunto são frequentemente levantados. O termo “ideologia de gênero” é colocado como o principal vilão da normatividade da família tradicional brasileira, a qual defende os partidos conservadores, principalmente os fundamentalistas religiosos, que pautam seus argumentos em uma questão moral.

Isto ocorre tanto no campo daquilo que é, incorretamente, chamado de “agenda moral” quanto no projeto de uma sociedade menos desigual. Assim, os avanços no que diz respeito à moral sexual, à autonomia individual das mulheres e ao respeito à diversidade dos afetos e dos arranjos familiares enfrentam um discurso de reforço de valores tradicionais, que apresentam a família patriarcal como natural e de origem divina. Desloca-se para o terreno da moralidade, em que certezas absolutas bloqueiam a discussão, aquilo que de fato concerne a direitos e à redução da vulnerabilidade de determinados grupos sociais. (MIGUEL, 2018, p. 41).

Tal vulnerabilidade tem início ainda na infância, dentro do ambiente escolar. Na contramão do discurso conservador em ascensão, o Supremo Tribunal Federal aprovou por oito votos a três a criminalização da LGBTfobia. A partir desse ano, crimes de ódio contra a população LGBTQI+ serão punidos na forma de crime de racismo, cuja conduta é inafiançável e imprescritível. A pena varia entre um e cinco anos de reclusão, de acordo com a conduta.

Dois instituições de nível superior federais do Nordeste elaboraram propostas de vestibulares inclusivos para candidatos Transexuais (sic), Travestis, Intersexuais e Pessoas Não Binárias. Seria uma medida inédita no país se não fosse a intervenção da política anti LGBTQI+ do Governo Federal junto ao MEC, o que fez com que as universidades suspendessem o edital.

⁷ Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,ministra-diz-que-governo-vai-criar-canal-para-denunciar-professor-que-atente-contr-a-moral,70003095662>

O vestibular asseguraria a competição entre si de pessoas que se encaixassem nessas nomenclaturas de gênero e sexualidade, garantindo em seus cursos pessoas pertencentes à sigla T. Essa medida seria de extrema importância, tendo em vista que o Brasil é o país onde mais se violenta e mata pessoas LGBTQI+ no mundo. Essa mesma população é hoje um dos grupos que mais sofre discriminação na sociedade, além de ser vulnerabilizada pela falta de políticas públicas, as quais garantem o acesso a direitos básicos, dentre eles o da educação. Grande parte não consegue chegar à universidade, ficando de fora do mercado formal.

De acordo com o professor de política *drag queen* Rita Von Hunty:

Para que haja algum tipo de reparação e de seguridade social no país dentro das linhas econômicas e capitalistas de mercado, existe a crença de que o trabalho dignifica o homem e que o dinheiro te torna um cidadão. Quando o acesso de pessoas Trans é vetado à universidade, o que está realmente sendo vetado em alguma instância é a legitimação dessas pessoas enquanto sujeitos e da sua dignidade⁸. (VESTIBULAR para Trans, 2019, não paginado).

É preciso entender que o número de profissionais trans em empregos formais ainda é mínimo. Mais uma vez, o conceito de meritocracia se desmonta, tendo em vista que não é por falta de mérito que esse grupo fica à margem do mercado de trabalho, mas pela falta de políticas públicas, de visibilidade e, principalmente, de aceitação.

Por todos esses motivos, a necessidade de abordar o tema dentro da escola se torna indispensável. Projetos de inclusão devem ser organizados e discutidos com toda a comunidade escolar, a fim de minimizar os efeitos que a exclusão proporciona a esses grupos.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h6HrUaR2TJI>

CAPÍTULO II – CEILÂNDIA E A ESCOLA PARQUE ANÍSIO TEIXEIRA

2.1 Ceilândia, a maior cidade satélite do Distrito Federal

A Escola Parque Anísio Teixeira situa-se em Ceilândia, a maior cidade satélite do Distrito Federal. A cidade foi criada em 1971 e seus primeiros moradores foram os mesmos que construíram Brasília. Vieram de diversos lugares, mas, principalmente, da região Nordeste do país, na esperança de uma vida mais digna. Formaram as vilas IAPI, Esperança, Bernardo Sayão e Morro do Querosene, que ficavam nas proximidades de Brasília.

A partir de 1970, houve uma grande preocupação dos órgãos públicos em remover esses moradores dessas áreas, pois, sendo uma cidade planejada, o crescimento desordenado de favelas poderia prejudicar o projeto idealizado. Foi criado então o Grupo Executivo de Remoção (GER) e a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI). O nome Ceilândia foi dado em homenagem à CEI e constituiu a primeira experiência de remoção de favelas do Governo no Distrito Federal. (GUIDI, 2013, p. 38).

À CEI, órgão constituído em sua maioria por senhoras da alta sociedade, coube a tarefa de convencer os moradores das chamadas invasões de que a transferência lhes oferecia muitas vantagens, tais como posse do lote, água encanada, luz, asfalto, escolas, hospitais, creches, etc. (GUIDI, 2013, p. 9).

A Comissão dos Incansáveis Moradores de Ceilândia, como eram conhecidos os pioneiros da cidade, lutavam por seus direitos à terra e melhores condições. Fizeram parte da construção de Brasília e, logo após, foram removidos e levados para uma área a 35km da cidade, lugar que melhor atendia às suas reais condições socioeconômicas, bem longe do centro da capital.

Já no momento da remoção, os pioneiros perceberam as desvantagens da nova área. Enquanto nas invasões à margem do Plano Piloto, tinham facilidades como água, arborização, luz e acesso fácil ao trabalho, a área que lhes foi destinada distava 35 quilômetros de Brasília e situava no cerrado inóspito, sem sombra, sem água, luz, cheia de cobras e até mesmo lobos. (GUIDI, 2013, p. 10).

Mudaram-se, mesmo com muita resistência, com a promessa de concessão de posse de lotes que, naquele momento, a Terracap já negociava o valor da terra para que pudessem ser adquiridos. Construíram novamente, com muita luta, transformaram o cerrado desbravado em solo urbano. Com isso, houve um aumento da população que chegava, sobretudo, da região Nordeste. A Terracap suspendeu a venda dos lotes com preços acessíveis e começou a cobrar valores absurdos. A Comissão dos Incansáveis, mais uma vez, foi à luta e mobilizou mais de duas mil pessoas que se reuniram para debater os novos rumos da ocupação da cidade. Sem a

persistência dos moradores e o apoio recebido dessas entidades e daqueles que delas participavam a vitória não teria sido possível. (GUIDI, 2013, p. 15) A aglomeração causou certo desconforto nos moradores do local, que optaram por chamar a polícia.

Não se pode ignorar que na conjuntura nacional, à época, embora se caracterizasse por um início de ruptura com o regime autoritário – as aglomerações populares incomodavam e não eram aceitas por grande parte da população, que não estava mais acostumada a manifestações populares, próprias do regime democrático. (GUIDI, 2013, p. 13).

Somente em 1984, depois de muita luta, os Incansáveis Moradores de Ceilândia conseguiram a vitória junto à Terracap, quando puderam comprar seus lotes por um preço justo. Contudo, mesmo com toda luta, ainda vivem à margem de um sistema excludente. Conforme Ammann (1991):

Os autores do projeto da nova capital esqueceram que é inviável a existência de um oásis de igualdade e justiça no bojo de uma sociedade cujo principal esteio é não só a desigualdade, mas o antagonismo de interesses das classes sociais e o sistema de exploração de uma sobre as demais. Interessa, portanto, às classes dominantes e particularmente aos especuladores do solo urbano expulsar os trabalhadores para uma periferia cada vez mais distante do centro, à medida que o solo do entorno se vai gradualmente se valorizando. (GUIDI *apud* AMMANN, 1991, p. 31).

Na verdade, a cidade nasceu marcada pela exclusão. Em decorrência da política higienista da época, Ceilândia foi criada para comportar favelados carentes, que manchavam a imagem da nova capital. É fato inequívoco que a população não tinha qualquer interesse em ser removida. Estava adaptada e gostava do local onde morava. Só concordou com a remoção porque o Poder Público lhe prometeu um lote com infraestrutura. (GUIDI, 2013, p. 49).

Quando chegamos em Ceilândia, foi um martírio, pois enfrentamos todo tipo de dificuldade, desde o barulho dos martelos até o choro constante do capim queimando para nos manter iluminados. Fomos jogados na chuva. Tivemos que capinar o mato. Não tinha luz nem água. A gente ficava acordado com medo de cobra e bichos. Não tinha ônibus. Os caminhões – pipas traziam água de semana em semana. Moro aqui há nove anos, desde que isso aqui era só cerrado. Só existiam animais. O mesmo fizeram com nós, como se fosse uma jaula para animais pobres.⁹

⁹ Depoimentos de moradores, extraídos do documento “Ceilândia ontem, hoje e amanhã?” Elaborado pela Ação Cristã Pró-Gente, Igreja Católica e Associação dos Incansáveis Moradores de Ceilândia, por ocasião dos 10 anos de Ceilândia.

Figura 3: Remoção de barracos na Vila do IAPI, 1971



Fonte: ArPDF FundoSCS/GDF.

Figura 4: Inauguração oficial da Feira Central de Ceilândia em 1984



Fonte: ArPDF FundoSCS/GDF.

Com quase 50 anos, Ceilândia hoje conta com uma média de 400 mil habitantes e continua a sofrer com a falta de serviços públicos de qualidade, contrastando imensamente

com a realidade do centro de Brasília. Contudo, na área da Educação, hoje Ceilândia conta com 1 Centro de Educação Infantil, 53 Escolas Classes, 24 Centros de Ensino Fundamental, 7 Centros Educacionais, 6 Escolas de Ensino Médio, 2 Centros de Ensino Especial, 1 Escola Técnica, 1 CILC e a Escola Parque Anísio Teixeira. Também conta com um campus da Universidade de Brasília, com 6 cursos de graduação na área da saúde e 5 programas de pós-graduação.

Além da Educação, vários movimentos culturais surgem na cidade retratando a riqueza da identidade dos que aqui vieram construir suas raízes. Dentre eles, destaco o Projeto Jovem de Expressão, que visa diminuir os índices de violência entre os jovens da cidade. Voltado ao público de 18 a 29 anos, o projeto conta com um galpão onde antes funcionava um posto policial, agora ponto de encontro para a promoção de debates e produções artísticas, como dança, audiovisual e fotografia.

Também surgiu na cidade, a partir de 1989, o grupo DF Zulu, mais um grupo de expressão artística que tem como estratégia a diminuição da violência. A partir da linguagem da dança, o *break* e o *graffiti* são as formas de resistência encontradas nesse movimento de rua, que tem consciência das necessidades e dificuldades do povo da periferia. O grupo usa a arte e a criatividade para conscientizar e valorizar o indivíduo que a sociedade ignora. De acordo com a biografia do grupo nas redes sociais, os principais fatores que os levaram à criação foram:

Com intenção de irradiar os valores de afirmação da identidade negra, consciência social, paz, amizade, solidariedade e cidadania, utilizando elementos da cultura hip-hop. Foi criado por um grupo de amigos que se encontraram na necessidade de fazer algo pela comunidade de onde moravam, já que a violência crescia cada vez mais e os jovens que não tinham opções para diversão acabavam se envolvendo em práticas ilícitas e todo tipo de violência. (DF Zulu, [2019], não paginado)¹⁰.

Outro ponto importante da cidade é a Casa do Cantador. Obra de Oscar Niemeyer em homenagem à comunidade nordestina, é também conhecida como Palácio da Poesia, e tornou-se o ponto de encontro dos representantes da cultura popular. No local acontecem muitas apresentações que fazem referência às manifestações culturais do Nordeste, de cantores de repente e embolada, poetas cordelistas, exposição da culinária, oficina de música e trabalhos de inclusão digital.

Em 2018 foi inaugurado um recente espaço chamado Céu das Artes, um lugar que oferece cultura e lazer, atividades físicas, oficinas artísticas e apresentações culturais para pessoas de todas as idades. De acordo com a secretária adjunta de Cultura, Nanan Catalão,

¹⁰ Disponível em: <http://brasilia.memoriaeinvencao.com/df-zulu/>

esse é o maior Céu das Artes do Brasil e traz o primeiro teatro e cinema para o público da Ceilândia. O local visa integrar ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação profissional, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e inclusão digital.

Ainda em Ceilândia, uma festa muito conhecida e que acontece anualmente é o maior São João do Cerrado. Chega a reunir 300 mil pessoas em três dias de festival. Retrata de forma ampla a cultura nordestina e local. O maior São João do Cerrado conta com shows, comidas típicas, quadrilhas e muito forró.

O cinema também ganha destaque com o Coletivo de Cinema da Ceilândia (Ceicine), do diretor e produtor Adirley Queirós. Premiado internacionalmente, esse coletivo produz filmes sobre Ceilândia, retratando sua história e seus moradores. Dentre suas produções, destaco as seguintes: *Rap, o canto da Ceilândia* (2005); *Fora de Campo* (2009); *Dias de Greve* (2009); *A cidade é uma só?* (2012); e *Branco sai, Preto fica* (2014). Nesses filmes, Adirley potencializa debates sobre os mais diferentes aspectos sociais, incluindo a construção e a identidade da cidade de Ceilândia. Como forma documental, seus filmes apresentam estreita relação com a realidade socioeconômica da periferia, como destaca Carlos Djalma Gonçalves (2019) em sua pesquisa acadêmica sobre Adirley e sua produção cinematográfica.

Referenciado em filmes populares, o cinema de Adirley Queirós discute as condições sociais dos moradores da periferia da capital federal, pontuando questões como migração, exclusão social, identidade, território e a relação centro-periferia, principalmente no que se refere a sua cidade, Ceilândia, com Brasília, a capital federal. Além disso, a produção coletiva, com temáticas locais, dá aos seus filmes um caráter comunitário. (GONÇALVES, 2019, p. 49).

Várias personalidades fizeram e fazem até hoje parte da história de Ceilândia, entre elas estão: Dona Percília, Madalena, Jeivan, DJ Jamaika, Taigo Meireles, Antônio Obá e tantos outros que contribuem com a cena cultural e artística da cidade. Nas redes sociais, o Ceilândia Muita Treta já é sucesso total e conta com milhares de seguidores.

Outro grupo forte na cidade é o Movimento Popular por uma Ceilândia Melhor (MOPOCEM). O MOPOCEM é feito pelos próprios moradores e luta por melhorias nas áreas de educação, moradia, esporte, lazer, saúde, cultura, dentre muitas outras. Em complemento, tem o “Rede Social de Ceilândia”, grupo que promoveu o abraço simbólico ao SESI quando este fechava seus atendimentos à população. Uma luta que fez com que hoje, nesse espaço, funcione a Escola Parque de Ceilândia.

2.2 Contribuições de Anísio Teixeira

As Escolas Parque nascem do projeto idealizado por Anísio Teixeira de proporcionar escola integral, contínua e aberta a todos, resgatando uma nova política pública para a capital federal, como mostra o documento intitulado “Plano de Construções Escolares de Brasília”, datado de 1961. Inicialmente, o projeto só contemplou o centro de Brasília onde foram criadas cinco Escolas Parque, não priorizando as demais regiões administrativas do Distrito Federal. Retomando o projeto original, a Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia (EPAT) vem compor essa lacuna visando oferecer ensino de qualidade onde integre lazer cultura e esporte à comunidade de estudantes das escolas públicas de Ceilândia e Taguatinga.

O Plano Educacional de Brasília, idealizado por Anísio Teixeira, propõe para a capital um sistema educacional com concepções pedagógicas voltadas para o desenvolvimento integral das potencialidades dos indivíduos. Tal sistema constante no documento “Plano de Construções Escolares de Brasília” pretendia que as Escolas da Capital Federal constituíssem exemplo para o sistema educacional do país, composto por Escolas Classe e Escola Parque, Centros de Educação Média e por fim, a Universidade de Brasília. (PEREIRA, 2011, p. 1).

A Escola Parque de Ceilândia ocupa o antigo SESI, onde eram ofertadas várias ações sociais à comunidade desde sua inauguração em 1971. Com o encerramento de suas atividades em 2011, o espaço se tornou visado pela especulação imobiliária. A comunidade então se mobilizou e criou movimentos sociais de conscientização para a continuidade da oferta de serviços em prol da cidade. O movimento ganhou força entre os parlamentares e o governo do Distrito Federal proporcionou à comunidade a participação nas audiências públicas sobre o destino do espaço. O governo negociou com o SESI outra área e garantiu a criação das primeiras Escolas Parque fora do Plano Piloto, uma em Ceilândia e outra em Brazlândia.

Em 05 de agosto de 2014 foi inaugurada oficialmente a Escola Parque Anísio Teixeira (EPAT), atendendo estudantes do Ensino Fundamental anos finais e Ensino Médio no contra turno da escola regular. A escola oferece oficinas nas áreas da Música, Dança, Artes Plásticas, Artes Cênicas, Esportes e Tecnologia e Cultura. Suas atividades funcionam em regime semestral e o estudante tem a liberdade da escolha das oficinas, podendo trocá-las se houver o interesse ao final de cada semestre. O sistema de matrículas é oferecido a qualquer estudante que tenha interesse e que faça parte da rede pública de ensino e das duas áreas administrativas, Ceilândia ou Taguatinga. A EPAT diferencia-se das demais Escolas Parque do Plano Piloto, nas quais o sistema é tributário e não contempla a livre escolha.

Assim sendo, a proposta de implantação de uma Escola Parque na Cidade de Ceilândia surge como oportunidade de resgatar o projeto original da capital federal. Além de atender a população da Ceilândia, maior cidade do DF, vem (re) significar o papel da Escola Parque na proposta contemporânea de educação integral que tem como princípios: integralidade, intersetorialidade, transversalidade, diálogo escola-comunidade, territorialização, trabalho em rede; a convivência escolar negociada possibilitando a ampliação das oportunidades às crianças, aos jovens e adultos e, conseqüentemente, o fortalecimento da participação cidadã no processo de concretização dos fundamentos, objetivos e procedimentos propostos pelo Currículo em Movimento da SEEDF (2014). (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 9).

A EPAT, nesse contexto, surge com uma função social de educação integral, assumindo o papel de formar cidadãos críticos e conscientes, sujeitos que pensam, sentem, agem e interagem (FERREIRA, 2018).

Na implantação do referido projeto, no entanto, apenas o Plano Piloto foi contemplado com cinco Escolas Parque. Nas demais regiões administrativas do DF não foi priorizado o projeto de educação integral, contínuo e aberto a todos como proposto por Anísio Teixeira. A lacuna deixada pela ausência das Escolas Parque, nas diferentes cidades do DF, se faz sentir nas oportunidades que o ensino público poderia ofertar à formação do cidadão em sua dimensão cultural, profissional e pedagógica. Assim sendo, a proposta de implantação de uma Escola Parque na Cidade de Ceilândia surge como oportunidade de resgatar o projeto original da capital federal (PROJETO INICIAL EPAT, 2014, p. 4).

Por essa nova concepção, as escolas parques juntamente com as escolas regulares seriam complementares, buscando a proposição do desenvolvimento artístico, físico, cognitivo, interativo e recreativo, além de uma potencial iniciação para o mercado de trabalho. A ideia básica nessa concepção, segundo explicita o Plano de Construções Escolares de Brasília, é juntar o ensino propriamente intencional, da sala de aula, com a autoeducação resultante de atividades que os alunos participem com plena responsabilidade. (TEIXEIRA, 1961, p. 197).

Nota-se que no plano educacional de Brasília é evidenciada a ideia complementar das escolas parques em relação às escolas regulares. O entendimento é que nem as escolas parques, nem as escolas regulares, isoladamente, seriam responsáveis pela construção da ideia de formação integral. A concepção é que ambas as escolas, com igual grau de importância, desempenham papéis fundamentais, numa perspectiva de contribuição mútua, para a formação integral do aluno.

CAPÍTULO III – GRUPO ARTOCRACIA CÊNICA E A CRIAÇÃO DA PEÇA TRANSCORPOS

A escola iniciou suas atividades em 2014 com 8 professores de teatro, totalizando 64 turmas. A oferta estava dividida entre as segundas e quartas, terças e quintas, ou só nas sextas-feiras, matutino e vespertino. Já em 2015, na distribuição de turmas, vários professores foram devolvidos por insuficiência de alunos matriculados, restando apenas quatro docentes, dois que atuariam no período vespertino e dois no período matutino. A escola ainda contava com a carga horária de jornada ampliada. Preenchi a quarta vaga e fiquei como professora efetiva da escola.

Era uma vivência totalmente diferente das práticas anteriores. A escola estava se formando e ainda era desconhecida para muita gente. O número de matrículas também era insuficiente para completar o número possível de alunos atendidos pela escola. Por diversas vezes foi preciso fazer visitas nas escolas para a divulgação das vagas.

A partir de então foi elaborado o Projeto Político Pedagógico da escola, em conjunto com a comunidade escolar. Logo, a EPAT é uma:

Oportunidade de ampliação de tempos, espaços e oportunidades formativas em Arte, Esporte, Cultura Corporal e lazer, na perspectiva da Educação Integral. Nesse contexto a sua prática pedagógica tem o compromisso de oferecer atividades variadas, de forma contextualizada e atraente ao público jovem, contribuindo para a formação de indivíduos críticos, reflexivos, investigativos, criativos e solidários, capazes de transformar o rumo da própria história.

Busca ainda, ser espaço de articulação e convivência, onde se desenrolam as relações sociais, envolvendo os movimentos sociais e culturais locais. Assim, a Escola Parque Anísio Teixeira referencia sua história e sua identidade como espaço vivo e concatenado com a realidade em que está inserida, atuando extramuros e em completa simbiose com a comunidade que a permeia, ampliando a sua função para além das questões pedagógicas, mas imprimindo-lhe uma dimensão de lazer e de cultura (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 14).

Os dois primeiros anos na escola foram de adaptação. Não tinha uma metodologia específica determinada. Ao mesmo tempo, sentia uma vontade imensa por parte dos estudantes em se expressar, em falar de seus anseios, de suas causas. Foi no teatro que eles encontraram esse impulso. Senti-me instigada a procurar textos atualizados e que tratassem de assuntos mais profundos. Não apenas as comédias do dia a dia, que eles gostavam bastante, mas algo que os modificassem enquanto pessoas. Foi então que a supervisão pedagógica propôs temas a serem trabalhados, já que nosso sistema é semestral. No primeiro semestre, trabalhamos a corrupção e, no segundo, a diversidade. Foi a partir daí que descobri por qual caminho seguir.

Dividi as turmas em subtemas e cada uma retratou um assunto que juntos elencamos necessários a serem trabalhados. Discutimos o racismo, a violência contra a mulher, a intolerância religiosa, as relações homoafetivas e a desigualdade social. A dimensão das discussões foi tão significativa que consegui escrever cinco peças autorais, as quais foram representadas por eles na Mostra de Teatro da escola. O trabalho teve uma grande visibilidade e reconhecimento dentro do ambiente escolar, mas também contou com algumas críticas por parte de pessoas que se denominavam conservadoras. Acho até que se não houvesse as críticas, não saberíamos medir os impactos alcançados, tendo em vista a função do teatro. Penso que cumprimos bem nosso papel provocador.

A comunidade de Ceilândia é composta por uma rica diversidade. A partir de todas as lutas vivenciadas por essa mesma comunidade, a nova geração já conta com uma consciência e um empoderamento que ultrapassa formas impositivas de atuação. Por meio da combinação de afeto e diálogo, o teatro na escola ganhou um novo sentido. Uma aproximação entre realidades diversas e formas de pensar e agir dentro desse sistema que tenta, a todo custo, apaziguar, moldar, domesticar e reprimir a futura classe de trabalhadores do país. A militarização das escolas é um exemplo dessa forma que o Estado encontrou para propor tal projeto.

O fascismo só prospera em situações em que a classe proletária está desarmada em todos os sentidos, especialmente no plano político-programático. Para dizer a mesma coisa em linguagem trotskista, está em crise de direção e por isso é incapaz de lutar pela revolução, o único remédio contra os males que o capital precisa lhe impor para resolver sua própria crise, recorrendo para tanto, e em casos extremos, a regimes fascistas: redução de salários, trabalho escravo, eliminação de direitos como organização, expressão, saúde, educação, habitação e uma vasta pauta de violências inomináveis, a começar pelo estado policial. Trata-se de transferir aos trabalhadores os custos do adiamento da crise final (COSTA, 2020, p. 14).

Um dos planos do atual governo é a militarização de escolas civis e públicas, pois não basta reprimir com violência toda e qualquer manifestação pública por direitos. Na ideologia fascista, o controle dos corpos, principalmente os da periferia, devem começar ainda na escola, quando são preparados para obedecer. Com uma gestão compartilhada, o modelo das escolas militarizadas fere as ações democráticas, já que a proposta pedagógica da escola pública deve estar voltada para a formação da diversidade, sem se destinar à formação ou à atuação militar (GARRIDO; FILPO, 2018).

Figura 5: Fachada da entrada da EPAT



Foto: arquivo pessoal.

3.1 Formação do Grupo Artocracia Cênica

A ideia de formar um grupo de teatro amador na EPAT era um sonho antigo, tanto meu quanto dos próprios alunos que passam ou passaram pelas oficinas de teatro da escola. Tendo em vista que a escola é um lugar de vivências múltiplas em práticas esportivas e culturais, criaram-se laços que se fortaleceram a partir da autonomia e do afeto estabelecido.

Vários fatores contribuíram para a criação desse projeto. Primeiramente, algumas inquietações devem ser esboçadas. O atual cenário político vem me causando certo desconforto, para não dizer uma tristeza profunda, em especial ao considerar todos os tipos de violências cometidas pelo Estado às classes desprivilegiadas do país. Falo de “minorias”, mas, na verdade, são majorias devido à grande desigualdade social que é o Brasil. Um governo que ataca a educação e o conhecimento crítico e que trata aqueles que pensam diferente como “inimigos” já deixou claro a que veio.

O teatro sempre foi e será político. Então, qual meu papel nisso tudo como professora de teatro? Como dar voz por meio dessa arte milenar às questões tão importantes e que hoje

estão sendo subtraídas dos debates e colocadas como ideias ideológicas? Reforçar essas práticas é voltar à imposição de um colonialismo que mata. De acordo com Freire (2009):

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos acharmos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente negros não têm alma. Negros não rezam. Com sua negritude, os negros sujam a branquitude das orações... A mim me dá pena e não raiva, quando vejo a arrogância com que a branquitude de sociedades em que se faz isso, pelo visto, não têm mesmo nada a ver com a humildade que o pensar certo exige. Não têm nada que ver com o bom-senso que regula nossos exageros e evita as nossas caminhadas até o ridículo e a insensatez. (FREIRE, 2009, p. 36).

Sendo assim, por meio da experiência que venho construindo ao longo de cinco anos como professora da oficina de teatro na escola, bem como da formação continuada no mestrado profissional (Profartes-UnB), surgiu a necessidade de dar vida a esse projeto. Acredito que o afeto e o amor ainda são os pilares que tanto precisamos para desconstruir essas amarras violentas dos anos.

O objetivo geral do projeto é estabelecer vínculos com a comunidade escolar e local, envolvendo tanto os atuais estudantes da EPAT quanto os ex-alunos, que devem pesquisar, debater e produzir criações cênicas sobre questões políticas, sociais e culturais. A proposta é desenvolver ao final de cada ciclo uma montagem teatral, destinada a circular por vários espaços, na própria escola e na comunidade.

Alguns entraves se deram ao longo do processo. A escola tem como uma de suas funções sociais a abertura de seus espaços físicos para a comunidade em horários extracurriculares. Nesse sentido, vários grupos já atuam no local, dentre eles o Projeto Servir, oferecido pelos próprios professores da escola. Esse projeto proporciona algumas oficinas aos profissionais da Educação, como vôlei, tênis de quadra, violão, lutas, etc. Além desse projeto, a escola também conta com um grupo de basquete da região, que faz seus treinos nas dependências da escola, além de algumas turmas de ioga, dança, uma igreja evangélica que faz uso eventualmente do auditório para realização de cultos e um grupo de teatro profissional, que divide o uso e os horários da sala de teatro com o grupo Artocracia Cênica. Diante disso, a direção da escola decidiu ceder o espaço para que os encontros do grupo pudessem acontecer, mas, ao mesmo tempo, fez questão de desassociar o grupo das atividades pedagógicas da escola, permanecendo como grupo independente e da comunidade.

Como um grupo independente, o coletivo estruturou seus objetivos específicos dentro dos seguintes parâmetros:

- fortalecer o processo de formação política por meio da linguagem teatral, na comunidade de Ceilândia;
- formar multiplicadores da linguagem teatral por meio da socialização de conhecimento técnico, teórico e histórico, político cultural, com foco na experiência do teatro político;
- articular a produção teatral às lutas sociais contemporâneas, reconhecendo os sujeitos coletivos organizados e os movimentos sociais;
- promover o debate e a prática da educação voltada à diversidade;
- fortalecer redes de intercâmbio por meio da circulação da produção cultural produzida pelo grupo nos espaços comunitários, escolas, universidades, centros artísticos, festivais, etc.;
- fomentar o conhecimento e a reflexão sobre a educação no Brasil;
- promover a pesquisa e a interação do grupo a partir das novas tecnologias com encontros presenciais e em rede;
- debater o colonialismo cultural aliado às questões de gênero, raça, classe social e códigos hegemônicos de cultura.

O projeto dialoga com a proposta do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2013), pois promove debates importantes que surgem como demanda da sociedade. Um exemplo é o debate por meio do Teatro Fórum e Teatro Legislativo, em que discutimos determinadas formas de violência e tentamos representar o problema de formas diferentes, suscitando enfrentamentos. Busca também travar um diálogo entre aqueles que lutaram para a conquista do espaço, reafirmando o papel socioeducativo da escola como espaço público e irradiador de cultura e lazer aos estudantes e comunidade local.

Uma das técnicas usadas para a preparação do grupo foi a Quebra da Repressão, trazida por Boal em seu livro *O Arco-Íris do Desejo* (1996). De acordo com Boal (1996), as classes dominantes exercem seu domínio através da repressão. A técnica consiste em propor a um dos participantes a recordação de algum momento em que se sentiu reprimido e que aceitou tal repressão. Diante disso, ele deve agir de maneira contrária ao seu desejo. Várias sugestões foram trazidas pelos participantes, como o racismo em loja de shopping, dentro do ônibus, no mercado, etc. A cena deve ser reproduzida tal como aconteceu, buscando recriar as mesmas emoções originais. Na sequência, ela é encenada com possíveis atitudes que poderiam ter sido tomadas a fim de romper com a opressão.

A crescente violência nas escolas e na sociedade, de forma geral, a falta de diálogo e os mecanismos que tentam cercear uma abordagem ampla e crítica sobre questões de gênero, sociais, raciais e culturais apontam para a necessidade de encontrarmos caminhos de enfrentamento. Através do teatro e de autores como Brecht, Boal, Piscator e Desgranges, propomos uma metodologia que possa dialogar sobre temas tabus por meio de jogos e criação dramaturgica. A ideia seria envolver de forma dialética o público participante e estimulá-lo a pensar certas questões que ainda são vistas de forma preconceituosa, não só no ambiente escolar, como também fora dele.

Para Desgranges (2006), uma pedagogia do espectador se define como:

Um projeto de formação de espectadores, assim, pode valer-se das mais variadas estratégias e procedimentos pedagógicos, com o objetivo de instaurar uma prática continuada, que, em consonância com a ida aos espetáculos, vise a apreensão da linguagem teatral pelos participantes, tais como: a descoberta ativa das artes cênicas com o oferecimento sistemático de oficinas; elaboração de material pedagógico preparatório para os espetáculos que serão assistidos; oferecimento de palestras e debates enfocando aspectos da obra teatral em questão; visitas guiadas a salas teatrais com vistas a apresentar o maquinário e os bastidores de um espetáculo; estímulo a que os participantes criem textos, cenas, objetos de cena, etc., a partir do espetáculo visto; entre outros procedimentos extra - espetaculares de preparação ou de prolongamento que visem dinamizar a recepção da obra teatral. (DESGRANGES, 2006, p. 158).

Nesse intuito, a proposta do grupo seria desenvolver uma ação pedagógica que pudesse dialogar com outras escolas por meio da apresentação da peça e produzir recursos materiais que servissem de auxílio ao diálogo sobre o tema em sala de aula, entre professores e estudantes.

3.2 Metodologia e Processo de Montagem

O grupo iniciou seu trabalho com a organização de módulos. Um cronograma foi estabelecido para atender a uma demanda que os próprios integrantes trouxeram: produzir uma montagem para participar do Festival Escolar de Teatro Amador (FESTA). A partir daí iniciou-se o processo de pesquisa, escolha do tema e montagem. O cronograma seguiu a seguinte ordem:

Módulo 1 – Pesquisa e Construção

1º Semestre (2019)

- Discussão presencial sobre o tema que será abordado durante a pesquisa;
- Contextualização;

- Pesquisa individual de matérias de revistas ou jornais sobre o tema;
- Políticas públicas, estatísticas;
- Material de apoio: vídeos, músicas, filmes, documentários, textos;
- Entrevistas. Pessoas que representam seus lugares de fala serão convidadas para debater e discutir o tema em questão;
- Textos dramáticos que tratam do tema;
- Jogos de improviso sobre situações abordadas;
- Estudo sobre o teatro épico de Piscator, Brecht e Boal;
- Criação coletiva de dramaturgia;
- Escrita do texto teatral ou adaptação;
- Rotina de ensaios.

Módulo 2 – Ensaio e Montagem

2º Semestre (2019)

- Jogos teatrais e preparação de corpo e voz;
- Ensaios;
- Captação de recursos;
- Montagem de cena;
- Mapeamento de iluminação, cenário, figurino e sonoplastia;
- Apresentações;
- Início de pesquisa para o próximo ano.

Os encontros do grupo aconteceram presencialmente uma vez por semana, durante o ano letivo, obedecendo ao calendário escolar. O dia acordado entre a escola e o grupo foi todas as quartas-feiras, das 18h às 20h, na sala de teatro da EPAT ou em outro local disponível, caso o primeiro estivesse ocupado.

Iniciei o processo perguntando para as turmas de teatro da escola sobre o interesse na formação de um grupo extracurricular para pesquisa, estudo aprofundado e montagem de uma peça. Muitos se interessaram. A partir disso, escrevi um projeto e apresentei à direção da escola, solicitando o espaço. Em princípio, como exemplificado no projeto, fiz um convite informal a alguns alunos das oficinas de teatro e alguns que já saíram da escola, por isso, criei

um grupo pelo *WhatsApp*, por meio do qual nos comunicamos para a realização de um primeiro encontro.

No dia 10 de maio de 2019 iniciamos o grupo com 15 adolescentes entre 13 e 18 anos. Elaborei uma ficha de inscrição para coletar alguns dados pessoais, como gênero, cor, religião e estrutura familiar. Apresentei o projeto e o cronograma do que seria desenvolvido até o término do ano. Tivemos uma conversa sobre os temas que seriam abordados e juntos elencamos alguns assuntos que gostaríamos de nos aprofundar. As questões de gênero e sexualidade se destacaram, então, fiz algumas indagações sobre como o assunto era visto no meio da convivência deles, seja no âmbito familiar, religioso ou escolar. Alguns chegaram a me relatar casos isolados de homofobia dentro da escola, depois descobri outros casos na família. Alguns desses alunos já foram até expulsos de casa pelo próprio pai.

Na ocasião, descobrimos que a maioria ainda está em processo de descoberta da sexualidade e que muitos deles enfrentam muitas dificuldades ao se assumirem homossexuais ou bissexuais. Entretanto, a aceitação mais difícil por parte da sociedade seria a de mudança de gênero, a transexualidade.

De acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica, da Secretaria de Educação do Distrito Federal:

Etimologicamente, o termo diversidade significa diferença, dessemelhança, heterogeneidade, desigualdade. A diversidade está relacionada, a um só tempo, à diferença de padrões, saberes e culturas hierarquizadas e à desigualdade econômica. Esse atributo nos leva a alguns grupos excluídos que, historicamente, têm vivenciado a desigualdade em virtude de suas diferenças dos padrões preestabelecidos: mulheres, pessoas com deficiências, negros, povos indígenas, população LGBT, quilombolas, pessoas do campo e pobres, entre outros.
[...]

Os indicadores de escolaridade refletem esse desenvolvimento desigual. A história da escola pública demonstra a parcialidade de seu atendimento, pois está direcionada ao território urbano e segue uma matriz cultural eurocêntrica, política e economicamente específica, o que ocasiona exclusão social de grupos particulares. A exclusão não é aleatória; recai sobre grupos específicos que sofrem (e enfrentam) preconceito, discriminação e, por fim, exclusão. (DISTRITO FEDERAL, [2014], p. 40).

Nesse sentido, o grupo viria a reforçar os parâmetros curriculares da Secretaria de Estado da Educação, promovendo uma abordagem à cidadania voltada à discussão das diversidades existentes dentro do espaço escolar e da sociedade. Essa iniciativa contribuiria de forma a ampliar o debate em toda a comunidade sobre determinados temas por meio do teatro, o que proporcionou uma aproximação entre grupo, escola e comunidade.

A SEEDF reestrutura seu Currículo de Educação Básica partindo da definição de diversidade, com base na natureza das diferenças de gênero, de intelectualidade, de raça/etnia, de orientação sexual, de pertencimento, de personalidade, de cultura, de

patrimônio, de classe social, diferenças motoras, sensoriais, enfim, a diversidade vista como possibilidade de adaptar-se e de sobreviver como espécie na sociedade. Existe, então, a compreensão de que fenômenos sociais, tais como: discriminação, racismo, sexismo, homofobia, transfobia, lesbofobia, valorização dos patrimônios material e imaterial e depreciação de pessoas que vivem no campo acarretam a exclusão de parcelas da população dos bancos escolares e geram uma massa populacional sem acesso aos direitos básicos. (DISTRITO FEDERAL, [2014], p. 41).

A escolha do nome do grupo foi pensada a partir da junção da palavra arte/democracia/teatro. Ao longo do processo, o grupo foi convidado a participar da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal (ETPVP-DF). A escola tem como princípio a formação de instrutores teatrais, conciliando formação estética ao processo de organização social. Ademais, busca uma articulação entre grupos a partir de uma rede que promove a circulação dos trabalhos.

Uma grande referência de articulação em rede com o trabalho de cultura política é Frente de Trabalhadores da Cultura de *Nuestra América*, de 1974. Tratava-se de um projeto de integração continental que vinha sendo gestado desde 1968 – em contexto marcado pela resistência de diversos segmentos de trabalhadores ao ciclo de golpes e ditaduras latino-americanas – em inúmeros encontros e festivais que promoviam espaços de articulação, reflexão crítica e troca de experiências entre grupos de teatro da Colômbia, Cuba, Argentina, Brasil, Uruguai, Chile, México, Equador, Venezuela, Porto Rico, Peru, na qual Augusto Boal foi figura central nessa articulação. (5º Boletim ETPVP-DF)¹¹.

A escola tem como referência as bases da pedagogia socialista e se articula com o objetivo de informar, formar e organizar a classe trabalhadora frente ao agressivo avanço das medidas autoritárias, advindas com a crise capitalista. A inserção do grupo junto à escola, os estudos sobre Teatro do Oprimido, de Augusto Boal (2013), e a aproximação de outros grupos tornaram possível o desenvolvimento de um formato de organização do trabalho a ser seguido pelo Artocracia Cênica. Algumas considerações devem ser feitas para explicar o formato do resultado obtido com a peça *Transcorpos* e sua circulação.

Desde o início da minha experiência profissional, principalmente como professora trabalhando em periferia, senti uma enorme necessidade de transmitir de forma íntegra todo o conhecimento que adquiri durante a graduação. À medida que o tempo ia passando, sentia um desejo maior em aprender, uma insegurança, um despreparo, como se não fizesse sentido minha prática. Quando comecei a trabalhar especificamente com o teatro em sala de aula, percebi que meu papel iria bem além da transmissão de conteúdos curriculares estabelecidos para o teatro escolar: seria uma atuação social.

A oportunidade em trabalhar na Escola Parque me proporcionou uma forma diferente de pensar essas questões. Primeiramente, eu contava com turmas reduzidas, diferentes da

¹¹ Disponível em: <http://www.terraemcena.blogspot.com/>

escola regular, em que eu tinha 40 alunos para trabalhar em uma sala pequena e, na maioria das vezes, bem quente. Com o modelo de oficina, pude trabalhar mais a prática. Como resultado, sempre consegui apresentar alguma peça pequena ao final de cada semestre. A busca por textos teatrais virou uma rotina e quase sempre sentia uma dificuldade enorme em encontrar alguma coisa adaptada e pronta, que atendesse às expectativas dos estudantes. Quando resolvi levar um clássico para fazer uma leitura, quase sempre perdia o foco. Os alunos desistiam da ideia de representá-la devido à linguagem muito rebuscada.

A dificuldade aumentou quando a escola decidiu trabalhar com temas específicos em cada semestre. Todas as oficinas deveriam fazer seu planejamento dentro do tema escolhido democraticamente por todos. Se já estava difícil encontrar peças que aguçassem o interesse dos estudantes, imagina com a deliberação de um tema específico. Por mais importante que fosse todo o processo de preparação, o resultado final se fazia importante para o fechamento do ciclo. A escola oferece, além do teatro, oficinas na área da Música, da Dança, Tecnologia e Cultura e Esporte. Cada oficina tem seu momento de culminância e demonstração de seus trabalhos desenvolvidos ao longo do semestre. Sempre que eu conseguia uma parceria, vinculava o teatro com as outras linguagens, propondo uma forma interdisciplinar de envolver meus parceiros.

O teatro é uma linguagem extraordinária, envolve várias habilidades, dentre elas: o corpo, a voz, a criatividade e a capacidade crítica de pensar o mundo. Vários foram os trabalhos em que envolvi a dança no meio da peça, ou colocava alguém para cantar. A oficina de Artes Plásticas, muitas vezes, produzia os cenários planejados.

A partir do tema “diversidade”, senti a necessidade de escrever os próprios textos, mesmo sem muita experiência estética. Acabei optando pela forma dramática, talvez por familiaridade com a narrativa. Cinco pequenas peças foram escritas.

A primeira foi sobre diversidade religiosa, chamada *Mistérios da Fé*. Nessa peça, uma adolescente de uma família dita tradicional cristã entra em conflito com seus valores, questionando a igreja, que sempre apresenta em seus discursos formas preconceituosas de enxergar a vida e os outros, além de explorar a fé alheia para seu enriquecimento, por meio de promessas. A personagem, vista como a ovelha negra, entra em contato com o mundo a partir da amizade que faz com uma colega da escola. A amiga frequenta uma religião de matriz africana. No local de culto acontece um incêndio criminoso, fazendo com que a personagem tenha interesse em conhecer e ajudar de alguma forma, o que acaba por influenciá-la a ver o mundo com outros olhos.

A segunda peça, chamada *O Outro*, fala sobre relações homoafetivas. Um jovem filho de um pastor é confrontado pelo pai desde a infância sobre a diferenciação de gêneros, não podendo brincar de boneca com as primas ou usar rosa. O tempo passa e o melhor amigo que tem desde a infância resolve estudar fora. O personagem fica abalado com a notícia e confuso sobre o que sente. Seu irmão mais novo, que sempre o apoiou, o encoraja a falar sobre seus sentimentos. Mesmo fazendo de tudo para negá-los, resolve escrever para o amigo. Por uma infelicidade, seu pai lê sem querer a carta aberta no computador. O personagem apanha do pai e é expulso, mesmo contra a vontade da mãe. Consegue um bico para se sustentar, ao decidir morar com um amigo. Encontra seu irmão e resolvem sair para se divertirem um pouco. Na saída são espancados por dois homofóbicos que os confundem. Os dois são levados ao hospital, o irmão não resiste. A última cena é o personagem acordando ao lado da mãe e perguntando pelo irmão. Os dois se abraçam na mesma hora em que chega o amigo que supostamente já teria ido viajar.

A terceira peça fala sobre desigualdade social e se chama *O Guri*. Baseada na música de Chico Buarque, duas famílias são representadas, uma de classe média alta e outra baixa. As duas são retratadas sempre em volta de uma mesa, onde fazem as refeições e exibem as diferenças estruturantes entre ambas. O chefe da família de classe média é um político que se envolve em licitações fraudulentas e negócios com fazendeiros madeireiros, que querem a todo custo explorar terras indígenas. Ao mesmo tempo, tem que conviver com a filha defensora de causas ambientais, mesmo vivendo entre irmãs e mãe que ostentam futilidades. A família de classe baixa, além de viver de bico, tem como principal preocupação a próxima refeição. Enquanto uma das filhas estuda para ter um futuro melhor, a personagem principal se revolta com a situação da família e encontra no roubo uma forma mais fácil de conseguir o que quer. Acaba envolvido no tráfico e devendo dinheiro ao chefe da boca. É preso em uma emboscada, livrando o Guri da morte por acerto.

Em outra cena, o político recebe propina de um fazendeiro, a personagem do Guri presencia tudo e decide assaltar o político. Na mesma hora é detido e os dois são levados à delegacia. Na cena da delegacia, o político nega que o dinheiro seria seu e conta com o advogado que o libera na mesma hora. O Guri vai preso e cai na mesma cela que o traficante a quem estava devendo. Com uma faca escondida, o traficante mata o Guri. Sua mãe recebe a notícia pela filha, que traz um jornal com a foto do Guri, enquanto estava varrendo a calçada. Termina a peça com ela dizendo: “Eu não disse que um dia ele chegava lá?”.

A quarta peça, de nome *Rotas*, conta a história de uma mãe com três filhos que se viu obrigada a trabalhar e deixar os filhos com a mãe, depois que o marido a trocou por outra sem

ao menos ajudar com as crianças. Em uma situação bem difícil, a mãe se vê tentada a roubar alguns mantimentos da creche onde trabalha e levar para casa. Em outra cena, jovens em uma sala de aula são avisados pela professora que farão um trabalho em grupo para compor a nota do bimestre, tendo em vista as notas baixas que tiraram na prova. Um grupo se reúne e decide fazer o trabalho na casa de uma colega. Um dos integrantes recebe um convite para jogar bola bem no horário de fazer o trabalho e acaba não indo até a casa da colega. Ao chegar em casa, esse mesmo garoto que não foi fazer o trabalho liga a TV e vê uma reportagem em que o prefeito da cidade teria recebido propina para fraudar a licitação de equipamentos do hospital público da cidade. O jovem desliga a TV e sai criticando, alegando que só tem bandido na política. Porém, na sequência das cenas, o jovem acaba pagando para os colegas colocarem seu nome no trabalho. A mãe dos três filhos é flagrada roubando e é demitida, acusada, inclusive, de roubar a carteira que o chefe tinha perdido com o pagamento dos funcionários.

Em outra cena, uma das estudantes do grupo, ao sair da escola, encontra a carteira na rua e, juntamente com sua mãe, resolve entregar ao dono. O patrão, vendo a injustiça que cometeu com a funcionária, resolve ir até ela para reparar o erro. No caminho, acaba atropelando uma senhora, que passa a sofrer no hospital da cidade por falta de equipamentos. O jovem que não fez o trabalho e subornou os colegas por nota, descobre, da pior forma, que sua mãe foi a senhora a ser atropelada. Acaba entendendo que a corrupção começa nos pequenos gestos. Por fim, a empatia é a propulsora para a discussão do olhar ao próximo.

A quinta e última peça escrita para a Mostra de Teatro da escola fala sobre violência contra mulher. Baseada em um vídeo do *YouTube* chamado *Manual do Relacionamento Abusivo*, a peça apresentada coloca em discussão como os pequenos gatilhos normalmente acontecem em relacionamentos abusivos. Neles, muitas mulheres não conseguem identificar supostas agressões e, principalmente, não conseguem se livrar dos agressores de forma segura.

Esse foi um momento maravilhoso, quando me senti muito produtiva em escrever tais peças. Acredito que o propósito em estimular o debate e novos olhares para a diversidade foi cumprido.

Figura 6: Alunos na Mostra de Teatro sobre diversidade da EPAT. Outubro de 2017



Fonte: Gilson Cézzar

Durante o semestre, pude conversar muito sobre os temas com os alunos. Ouvi-os me trouxe grande aprendizado. Muitos tipos de violência puderam ser abordados, incluindo as inúmeras formas de exclusão que sofrem diariamente. Fazer com que eles falem sobre isso nos aproximou muito e fez com que outros, inclusive eu, entendessem e se posicionassem diante de certas situações.

De acordo com Boal (2014), todas as sociedades se movem através de estruturas conflitantes: como poderíamos nós, então, assumir uma virginal posição isenta diante de conflitos dos quais, queiramos ou não, fazemos parte? Seremos sempre aliados dos oprimidos... ou cúmplices dos opressores. Ou seja, se você é neutro em uma situação de injustiça, você acaba por escolher o lado do opressor. Trabalhamos em todas as peças o sentido dessa frase. Acredito que grandes lições foram apreendidas.

Com toda essa vivência, eu já não seria mais a mesma professora que trabalhava textos aleatórios sem que houvesse uma abordagem profunda. Fiz da sala de aula um lugar de debates, onde pontos de vista diferentes são ouvidos e respeitados.

3.3 Peça *Transcorpos*

O tema escolhido para o primeiro trabalho do grupo foi a exclusão de LGBTs, com ênfase na transexualidade vivida nos meios educacionais e, por consequência, nos empregos formais. Esse tema teve grande repercussão, ainda mais diante de um cenário político extremista, conservador, fundamentalista religioso. Foi um desafio imenso ter abordado de forma tão profunda as questões de gênero, de violência, de transfobia e de exclusões na Educação. O grupo contou com a participação da Coletiva Trafeminista (TRAFEM), que proporcionou um estudo mais profundo sobre visibilidade Trans.

A escolha do tema também teve referência à comemoração do 50º ano em que se comemora a Rebelião de Stonewall, quando membros da comunidade LGBT de Nova York nos Estados Unidos promoveram uma série de manifestações violentas contra uma invasão da polícia no bar Stonewall Inn. O movimento é conhecido como um dos principais referentes à luta dos direitos LGBTs do país, além de ter grande influência nos movimentos no Brasil. A partir daí e das estatísticas sobre violências cometidas a transexuais, as quais são lideradas em pelo Brasil, surgiu a peça *Transcorpos*.

Figura 7: Recepção das ativistas trans do Trafem, Petra Moreira Cruz e Lucci Laporta, e convidado especial Luciano Lopes Machado



Fonte: Luciano Machado (Maio 2019).

A peça *Transcorpos* é uma adaptação do conto *A Língua do P*, do livro *A Via Crucis do Corpo*, de Clarice Lispector. O livro foi lançado em 1974 e causou muita polêmica na época por falar sobre sexualidade em todos seus contos, com nuances de erotismo. *A Língua do P* é uma ficção que retrata a violência contra mulher, o machismo da época e um possível estupro e feminicídio. De acordo com o crítico norte-americano Benjamin Moser, a mãe de Clarisse teria sido violentada por soldados russos na Ucrânia, em meados de 1920, contraindo sífilis, causa de sua morte dez anos após o nascimento da escritora. Tal hipótese teria levado a escritora a escrever o conto.

A peça, diferente das outras que escrevi, apresenta uma forma particular do estilo dramático, com o qual cresci cheia de referência a partir das novelas que assistia ainda criança, com finais felizes e que tinham início, meio e fim. O diálogo nos dramas seria o principal responsável por transmitir as informações necessárias à compressão da mensagem. O drama, sendo linear, apresenta uma sucessão de presentes absolutos, não permitindo alterações de tempo na cena dramática sem que haja um narrador. É impossível o avanço ininterrupto da ação dramática, cujo tempo é linear e sucessivo, assim como o tempo empírico da realidade; qualquer interrupção ou retorno cênico a tempos passados revelaria a intervenção de um narrador manipulando a estória (ROSENFELD, 1985, p. 31).

O que antes fazia parte da esfera da vida privada, como nas outras peças que escrevi, em *Transcorpos* o debate se ampliou à esfera pública, mencionando as políticas de inclusão que se fazem necessárias para assegurar os direitos a todas as pessoas trans. A narrativa da peça passa por uma desconstrução e pode ser considerada uma transição da forma dramática para a forma épica. Sua não linearidade de tempo traz um encontro entre passado e presente, com histórias que se cruzam no final.

A primeira parte da peça, *A Língua do P*, retrata a repressão e a violência sofrida pelo gênero feminino. O tempo cronológico é a década de 1970 e conta a história da professora de inglês que vai de trem de Minas para o Rio de Janeiro. A personagem, além de ser vítima de uma tentativa de estupro, sofre forte repressão ao ser interrogada, demonstrando o machismo da época e que ainda se faz tão presente nos dias atuais. Duas cenas se apresentam, a do interrogatório e a do trem. À medida que a personagem vai contando o que aconteceu, a cena do trem se abre no palco. Dois homens usam a língua do P para planejar o possível ataque à professora.

Entendendo a linguagem utilizada para se livrar de um possível feminicídio, a personagem tem a ideia de se fingir de prostituta para intimidar os dois homens, chamando atenção como forma de sair da situação em que se encontra. A personagem consegue ser

retirada do trem e é levada presa por funcionários que prezam pela ordem da moral e dos bons costumes. A professora acaba sendo discriminada também por uma moça que embarca no mesmo vagão em que estava. Alguns dias depois, ela consegue chegar ao Rio, quando passa por uma banca de jornal e descobre em manchete principal que a mesma moça foi a vítima em seu lugar.

Figura 8: Apresentação da *Transcorpos* no FESTA



Fonte: Vivian Araujo.

A segunda parte é trazida para os dias atuais. Fugindo do típico herói do drama, descrito por Iná Camargo como homem livre, capaz de pagar por seus atos, a personagem agora é a transexual Paula. Mantendo o mesmo formato da primeira parte do interrogatório e das cenas desconstruídas no tempo, a peça passa por uma transição do drama para o épico. Um coro toma forma de investigador, diálogos são desconstruídos, a personagem é interrogada como em um tribunal. Sua culpa? Ser transexual, estar no lugar errado e na hora errada.

A personagem transexual da peça, Paula, tem sua trajetória envolvida por medos, preconceitos e aceitação de si mesma e da sociedade. Em uma cena na segunda parte da peça, ela volta ao passado para retratar as formas de violência sofridas ao longo da vida. Tenta

explicar que, mesmo com todas as dificuldades que tivera na vida escolar, conseguiu terminar o Ensino Médio. Ao ser interrogada agora pelo coro, tenta justificar que procurava um emprego formal, mesmo estando dentro da estatística dos 90% de pessoas trans que entram para a prostituição pela falta de oportunidade. O momento em que ela teria sido violentada dentro da escola é representado por uma dança contemporânea de sete bailarinos/atores, que criaram uma coreografia para expressar toda a dor e sofrimento que a personagem principal passa. A música foi composta por um professor de música da Escola Parque. Durante a peça, ela é tocada por um violoncelo, um violão e um violino.

O trem dá lugar ao metrô e a língua do P agora já tem outro significado. Ao entrar no metrô feminino, fazendo uma referência ao metrô de Brasília, é discriminada e forçada a ir para o vagão comum. Lá encontra dois caras que começam a conversar pelo celular. A conversa é vista a partir de um projetor, demonstrando todo o seu preconceito e intolerância. Ao chegar em sua estação, os dois caras resolvem descer atrás dela. A cena acaba com um *blackout*. Em seguida, as duas personagens, Cidinha e Paula, aparecem juntas para o fim do último ato, ao som da música *Amar-Elo*, do Emicida, que traz uma referência às histórias abordadas.

O grupo Artocracia Cênica fez sua primeira apresentação na Semana Universitária da UnB, no campus de Planaltina da Universidade de Brasília, em setembro de 2019, como parte integrante da realização de um módulo de formação da Escola de Teatro Político e Vídeo Popular. Também fez participação no filme *Mato Seco em Chamas*, do produtor Adirley Queirós, diretor e cineasta premiado que retrata em seus trabalhos a cidade de Ceilândia. Essa experiência foi muito rica, principalmente por ser um projeto que retrata a história da cidade.

O Artocracia Cênica também participou da 6ª edição do Festival de Teatro Estudantil Amador (FESTA) do Distrito Federal, em outubro de 2019. Encerrou o ano de 2019 sendo convidado a participar da V Mostra de Teatro da Escola Parque Anísio Teixeira, em novembro, momento em que realizou a última apresentação do ano.

Figura 9: Grupo Artocracia Cênica com o cineasta Adirley Queirós



Fonte: Rafael Villas Boas (Junho 2019).

Figura 10: Participação do Grupo Artocracia Cênica no filme *Mato Seco em Chamas*, do cineasta ceilandense Adirley Queirós, com estreia prevista para 2020



Fonte: Melissa Naves.

O trabalho com o grupo e sua circulação inspiraram estudantes das oficinas de teatro da escola a fazerem parte desse processo. Na V Mostra de Teatro da Escola também foi apresentada a peça *O Líder*, de Lauro César Muniz, peça apresentada inicialmente pelo elenco da ETPVP-DF e, posteriormente, desenvolvida pelos estudantes da escola parque, reflexo da apropriação pedagógica possibilitada entre a Rede e a escola.

Figura 11: Primeira apresentação do grupo na semana universitária da UnB, no campus de Planaltina



Fonte: Gilson Cézzar.

Figura 12: Apresentação da primeira parte da peça na Mostra de Teatro da EPAT em 2017



Fonte: Gilson Cézar

Figura 13: Ensaio da peça *Transcorpous* com o grupo Artocracia Cênica, em Agosto 2019



Fonte: Larissa Issi

Figura 14: Ensaio, Agosto 2019



Fonte: Larissa Issi.

Figura 15: Reunião do Grupo Artocracia Cênica



Fonte: Brenda Ayla (Junho 2019).

Figura 16: Reunião do Grupo Artocracia Cênica



Fonte: Brenda Ayla (Junho 2019).

Figura 17: Arte gráfica da peça *Transcorpos* feita por Igor



Fonte: Igor

Figura 18: Grupo Artocracia Cênica na IV Mostra de Teatro da EPAT



Fonte: Neide de Sousa (Out. 2019).

Figura 19: Peça *Transcorpos*. Apresentação na Mostra de teatro da EPAT



Fonte: Nathalia Acioly (Out. 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A iniciativa para a entrada no mestrado profissional e realização deste trabalho se deu pela necessidade de aprofundamento do tema. Como abordar em sala de aula e como dialogar com pais, gestores e colegas sobre temas difíceis, porém necessários ao desenvolvimento de uma sociedade mais justa e solidária? Ao longo do processo, percebi que não é somente aceitável a discussão, ela é necessária. Por mais que seja difícil sua abordagem nos dias atuais, essas questões fazem parte do nosso convívio em sociedade.

Questões de gênero nem sempre serão fáceis de se entender. Ainda estou longe de promover debates profundos sobre a diversidade de conceitos que existem. Contudo, entendo que sempre devemos estar aptos a aprender o respeito às diferenças. Anular o debate por questões morais, religiosas e afins promove a exclusão, o desrespeito e a marginalização de um grupo bem grande.

A educação, nesse sentido, deve ser cada vez mais humanitária e promover a formação social e integral de cada sujeito, considerando uma abordagem crítica das relações que se estabelecem em seu meio. Infelizmente, isso vai contra os interesses de governos voltados ao capital, que valorizam mais seu produto interno bruto e desvalorizam as competências indispensáveis para a manutenção de um sistema democrático voltado à diversidade. Ter situado a educação dentro desse processo deixa cada vez mais evidente a colocação de Darcy Ribeiro (1986-2019) de que a crise na educação brasileira não é uma crise, é um projeto. Apesar de acreditar que a educação precisa de profundas mudanças, a escola em si carrega em sua função social a democratização do acesso a todos. É percebendo as opressões que se entende a necessidade de luta.

É fato que o capitalismo atravessa uma das maiores crises de sua história. É urgente e necessária uma mudança de paradigma, voltada à concretização de ações que revertam essa base de exploração, seja da terra, ou da mão de obra barata, diminuindo a desigualdade social e econômica. Essa desigualdade tem aumentado substancialmente, principalmente em países periféricos. Regimes fascistas surgem para legitimar uma parcela da sociedade que sempre obteve ganhos, beneficiando-se desse sistema cada vez mais excludente.

A educação, diante disso, tem se tornado uma ferramenta útil aos interesses do capital, sobretudo quando exclui de seu debate questões inerentes ao avanço da humanidade e do pensamento crítico. Uma educação voltada a tais conceitos é uma arma poderosa para se destruir pensamentos hegemônicos. Exatamente por isso as ideias de Paulo Freire são tão combatidas pelo atual Governo Federal, pois abordam a emancipação do sujeito crítico.

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, senti a necessidade de aprofundar o debate com um grupo mais específico. Por isso, com a colaboração de alguns alunos que já me acompanham há algum tempo, resolvi iniciar a formação do Grupo Artocracia Cênica. A formação do grupo foi muito prazerosa e, ao mesmo tempo, desafiadora: por um lado, poder colocar em prática novas possibilidades estéticas em cena; por outro, ter o cuidado de adequar a linguagem e a forma de abordar os temas tão tabus que ainda geram tamanho desconforto em nossa sociedade.

O grupo nem sempre foi homogêneo na forma de pensar. Alguns integrantes tinham posições políticas diferentes, o que engrandeceu o debate. Muitos saíram com o tempo, outros entraram e hoje o grupo se tornou referência para os alunos das oficinas de teatro da escola.

Muitas pessoas saíram do grupo, e outras pessoas também entraram nele, mas o engraçado é que eu não saí dele, eu queria fazer isso pela professora e por mim, porque eu sabia, eu sabia que aquilo poderia mudar as nossas vidas de alguma forma. No começo eu os via como um simples grupo de teatro que eu participava, mas quando tudo tinha acabado, eu percebi que aquilo era muito mais que um grupo. Eles me fizeram rir, me fizeram amar, me fizeram ser esforçado, e a ter respeito pelas pessoas, sendo elas transexuais ou não. Para mim, esse grupo virou a minha família, e uma razão pra eu realmente me esforçar por uma coisa importante, e o nome dessa família é ARTOCRACIA CÊNICA. (Vinícius, 17 anos).

Quando se vive em uma democracia, ou melhor, quando se nasce em uma, mesmo depois de ter estudado e compreendido os vários regimes totalitários que aconteceram ao longo da história, é difícil passar pelo crivo da censura do que se pode ou não abordar dentro de um trabalho artístico. A vantagem em se fazer um teatro político em um sistema democrático e sem fins lucrativos é justamente poder criticar as opressões que o sistema político causa na sociedade, sem precisar ter medo da censura ou da crítica daqueles que financiam o setor artístico. No entanto, a escola pareceu ter receio em associar seu nome ao grupo, mesmo ressaltando a importância do diálogo nos tempos atuais. As justificativas são, primeiramente, pela dificuldade de se consolidar como escola artística em um momento de desvalorização das artes e da cultura vivida no país, e, depois, pelo medo de sofrer alguma sanção administrativa ao tratar de temas tão polêmicos.

A partir disso, surgiu a necessidade de fortalecimento do grupo. Com a inserção na Escola de Teatro Político e Vídeo Popular do Distrito Federal (ETPVP-DF), tivemos a oportunidade de conhecer outros coletivos que também atuam com o mesmo propósito. Pontes foram criadas e, por meio desse vínculo, várias oportunidades surgiram, como, por exemplo, a participação em um dos filmes do cineasta mencionado no trabalho, Adirley Queirós. Foi um momento incrível, alguns dos estudantes chegaram a estudar sobre seus filmes para o Programa de Avaliação Seriada (PAS) da UnB.

Foi uma experiência única e inesquecível, além da minha surpresa pela minha superação como atriz e como tivemos bastante oportunidades durante o processo, inclusive com a participação em um trabalho profissional como figurante no filme *Mato Seco em Chamas* do diretor e cineasta Adirley Queiroz aqui da própria cidade de Ceilândia. A gente da periferia acredita que não terá esse tipo de oportunidade por falta de recurso e por não acreditar na própria capacidade, mas tivemos esse acesso e conseguimos ver que a nossa condição financeira por morar na maior periferia da América Latina não nos define e não define do que somos capazes. (Brenda Ayla, 18 anos).

Adirley se tornou um parceiro da Escola Parque e seus filmes fazem parte de um projeto desenvolvido pelas oficinas de artes da escola, as quais hoje eu tenho o prazer de coordenar junto aos professores. O projeto, além de promover o debate sobre questões sociais da cidade de Ceilândia, se torna uma ferramenta importante para a compreensão da história, identidade e resistência dos moradores em prol de uma luta por território e ressignificação de uma memória coletiva.

Com uma rica diversidade artística e cultural pelas referências nordestinas, a cidade de Ceilândia já é protagonista de muitas lutas. A própria Escola Parque foi uma delas. Com uma tradição de resistência, não seria diferente que filhos e netos dos pioneiros da cidade construíssem junto à escola e ao grupo uma trajetória de protagonismo referente às lutas dos incansáveis. O teatro, nesse sentido, é apenas um meio de emancipação política e social. De acordo com o teatro de Boal, seria uma ferramenta para suscitar a ação de agentes transformadores de suas próprias histórias e, por conseguinte, da comunidade em que estão inseridos.

O tema gênero e transexualidade foi trazido pelo grupo, que conta com um número significativo de adolescentes LGBTQI+. Após a pesquisa para o desenvolvimento da peça *Transcorpos*, constatamos que o Brasil ainda lidera em números de casos de violência contra pessoas LGBTQI+. Governos conservadores, além de cercear o debate, promovem verdadeira guerra contra esses grupos, em particular quando encerram programas de apoio, dificultam o acesso à saúde, ou, até mesmo, reforçam em seus discursos os preconceitos. Esse cenário acaba por legitimar a ação de pessoas violentas e que são incapazes de ver o outro como semelhante. Com efeito, a escola deve ser um espaço de acolhimento, diálogo e respeito.

Na minha casa, o assunto não foi de grande “preocupação”. Como um adolescente, bissexual, minha família já tinha um pequeno costume de conversar sobre o meio LGBTQI+. Desde quando estávamos decidindo o tema do espetáculo, notifiquei-os sem problema algum, tanto da minha parte, quanto da deles. Muito pelo contrário de problema, todos acharam de extrema importância falar sobre pessoas afastadas da sociedade em geral. (Lucas Vieira. 16 anos).

A *Transcorpos* foi um trabalho bem ousado, diferente de tudo que já tinha feito. Entretanto, como grupo autônomo, não conta com recursos financeiros, o que dificultou e

acabou comprometendo a montagem de acordo com os objetivos idealizados. Para a apresentação no festival de teatro estudantil, foi criada uma rifa para ajudar os estudantes a pagarem pela taxa de inscrição. Os demais custos com transporte, alimentação, técnico de luz, figurinos, maquiagem, cenário e outras despesas foram custeadas de forma solidária, geralmente pelos familiares do grupo. Originalmente, a peça foi elaborada seguindo o teatro de Piscator (1957), que usava as projeções para compor sua forma estética. Contudo, fazer uso de tecnologia em uma montagem sem recursos foi uma aprendizagem e tanto para se pensar nas futuras versões.

A preparação do grupo para as apresentações, apesar de ter obtido um resultado satisfatório, teve suas falhas e pôde ser notada pela falta de tempo ao se trabalhar corpo, técnica vocal e interpretação. Para a maioria, essa foi a primeira experiência no teatro. A pesquisa para a composição da dramaturgia exigiu muito tempo. Essas questões puderam ser observadas a partir dos relatos anexados nesta pesquisa. A partir dos jogos teatrais, foi possível desenvolver muitas das possibilidades estéticas da peça, o que também contribuiu para uma maior interação entre o grupo. A proposta pedagógica a ser desenvolvida com a peça almejava sua apresentação em outros espaços escolares, incluindo e contribuindo para um debate amplo sobre o tema. Tal proposta foi pensada e elaborada para acontecer no decorrer do ano de 2020, planejamento que foi interrompido por conta de uma crise sanitária mundial.

Muitas coisas aconteceram durante esse breve período de pesquisa no ProfArtes. Por ser uma pesquisa etnográfica, o trabalho buscou contextualizar o atual momento em torno da situação política e educacional do Brasil, tendo em vista que, por esse motivo, a pesquisa poderia se estender por muito mais tempo, diante de tantas mudanças. De repente, o mundo se vê paralisado por conta de uma pandemia causada por um vírus, responsável por mudar totalmente a forma de ver e viver dentro dos padrões já conhecidos, obrigando-nos a reinventar outros meios de sobrevivência. A crise no capitalismo se acentuou e também tem exigido que governos do mundo todo repensem suas convicções.

Diante disso, este trabalho se firma na perspectiva de um novo mundo. A educação é obrigada a tomar novos rumos, considerando a direção das mudanças propostas. Com isso, fica a expectativa de um novo amanhã, em um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres (Rosa Luxemburgo).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMMANN, Safira Bezerra. **Movimento popular de bairro: de frente para o estado, em busca do parlamento**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos. Apresentação. *In*: BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (orgs.). **Escola sem Partido ou a escola da mordada e do partido único a serviço do capital**. 1. ed. eletrônica. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2019. p. 11-16.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras Poéticas Políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

BOAL, Augusto. **O Arco-Íris do Desejo**. Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

CAMARGO, Iná. **Dialética do Marxismo Cultural**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Teatro**. Provocação e Dialogismo. São Paulo: Editora Hucitec Edições Mandacaru, 2006.

DISTRITO FEDERAL. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia. Brasília: Secretaria de Estado de Educação, 2019. Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2019/07/pp_ep_anisio_teixeira_ceilandia.pdf Acesso em: 15 out. 2019.

DISTRITO FEDERAL. **Currículo em Movimento da Educação Básica**. Pressupostos teóricos. Brasília: Secretaria de Estado da Educação, [2014]. Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/1_pressupostos_teóricos.pdf Acesso em: 20 fev. 2020.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

FREITAS, Luiz Carlos. **A Reforma Empresarial da Educação**. Nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Prefácio. *In*: BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (orgs.). **Escola sem Partido ou a escola da mordada e do partido único a serviço do capital**. 1. ed. eletrônica. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2019. p. 1-9.

GUIDI, Milza. **Incansáveis Moradores de Ceilândia** – Uma história de lutas. Brasília: Saber Ler, 2013.

KONDER, Leandro. **Os sofrimentos do “homem burguês”**. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.

LISPECTOR, Clarice. **A Via Crucis do Corpo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 31, n. 85, p. 341-357, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/03v31n85.pdf> Acesso em: data.

MIGUEL, Luis Felipe. O pensamento e a imaginação no banco dos réus: ameaças à liberdade de expressão em contexto de golpe e guerras culturais. **Pol. Cult. Rev.**, Salvador, v. 11, n. 1, p. 37-59, jan./jun. 2018.

MOREIRA, Antônio Flávio B. A escola poderia avançar um pouco no sentido de melhorar a dor de tanta gente. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos** – Por que a democracia precisa das humanidades. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2015.

PEREIRA, Eva Waisros (org.). **Nas Asas de Brasília**. Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora UnB, 2011.

PISCATOR, Erwin. **Teatro Político**. Buenos Aires: Ed. Futuro, 1957.

RIBEIRO, Darcy. Sobre o óbvio. 1. Ed. Marília, SP: Lutas Anticapital, 1986-2019.

ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. São Paulo. Editora Perspectiva. 1985.

SAVIANI, Demerval; DUARTE, Newton (orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas. Autores Associados. 2015.

SILVEIRA, Zuleide. Onda conservadora: o emergente movimento Escola sem Partido. *In*: BATISTA, Eraldo Leme; ORSO, Paulino José; LUCENA, Carlos (orgs.). **Escola sem Partido ou a escola da mordada e do partido único a serviço do capital**. 1. ed. eletrônica. Uberlândia, MG: Navegando Publicações, 2019. p. 17-47.

STANLEY, Jason. **1969 - Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. Tradução: Bruno Alexander. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 81, p. 195-199, 1961.

XAVIER, Cleber Cardoso. **Escola Parque**: apontamentos sobre Anísio Teixeira e o ensino de Arte no Brasil. 2017. 291f. Tese (Doutorado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32017> Acesso em: 28 jun. 2020.

SITES

BRASIL. **Decreto-lei nº 11.340, de 07 de agosto de 2006**. Lei Maria da Penha. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a

Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em: 28 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. **Brasil sai do mapa da fome das Nações Unidas, segundo FAO**. Brasília, 14 set. 2014. Disponível em: <http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2014/setembro/brasil-sai-do-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas-segundo-fao> Acesso em: 05 ago. 2019.

BRUM, Eliane. O Homem Mediano Assume o Poder. **El País**, 02 jan. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/02/opinion/1546450311_448043.html Acesso em: 05 ago. 2019.

DF ZULU. **Brasília Memória e Invenção**. [2019]. Disponível em: <http://brasiliamemoriaeinvencao.com/df-zulu/> Acesso em: 08 set. 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa. **Casa do Cantador**, Brasília, [2019?]. Disponível em: <http://www.cultura.df.gov.br/casa-do-cantador-2/> Acesso em: em: 15 ago. 2019.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. Disponível em: <http://www.se.df.gov.br/cre-ceilandia/> Acesso em: 15 ago. 2019.

ESPÍNOLA, Thaísa Ferreira Amaral Gomes. O direito de manifestação no Brasil. **Revista Jus Navigandi**, Teresina, ano 19, n. 4005, 19 jun. 2014. ISSN 1518-4862. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/29506>. Acesso em: 26 ago. 2019.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Vale perde 6,6 bilhões de reais em 2019 por causa do desastre de Brumadinho. **El País**, São Paulo, 21 fev. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/economia/2020-02-21/vale-perde-66-bilhoes-de-reais-em-2019-por-causa-do-desastre-de-brumadinho.html> Acesso em: 31 mar. 2020.

HANNA, Wellington; CUNHA, Thais. Discriminação rouba de transexuais o direito ao estudo. **Correio Braziliense**, Brasília, 20 dez. 2016. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.com.br/violencia-e-discriminacao-roubam-de-transexuais-o-direito-ao-estudo> Acesso em: 15 ago. 2019.

JOVEM DE EXPRESSÃO. **Quem somos**. Disponível em: <https://jovemdeexpressao.com.br/quem-somos/> Acesso em: 15 ago. 2019.

LUIZ Inácio Lula da Silva. **Só História**, [entre 2009 e 2019]. Disponível em: <http://www.sohistoria.com.br/biografias/lula/> Acesso em: 04 ago. 2019.

MATIAS, Ivaci. Grupo usou whatsapp para convocar “dia do fogo” no Pará. **Globo Rural**, 25 ago. 2019. Disponível em: <https://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2019/08/grupo-usou-whatsapp-para-convocar-dia-do-fogo-no-para.html> Acesso em: 04 set. 2019.

NEVES, Daniel. Política. **Brasil Escola**, [2017]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/politica/> Acesso em: 04 ago. 2019.

VEJA os Principais Programas Sociais do Governo Lula. **Estadão**, 25 fev. 2008. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,veja-os-principais-programas-sociais-do-governo-lula,130446> Acesso em: 05 abr. 2019.

VESTIBULAR para Trans. [S. l.: s. n.], 2019. 1 vídeo (8 min 36 seg). Publicado pelo canal Tempero Drag. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h6HrUaR2TJI> Acesso em: 04 set. 2019.

OUTROS

GARRIDO, Rodrigo Grazinoli; FILPO, Klever Paulo Leal. Pelotão, Alto! Militarização como resposta aos casos de violência escolar no Brasil. **Revista Caribeña de Investigación Educativa**, v. 2, n. 2, p. 94-106, 2018.

CAMARGO, Iná. **Contra o Drama**. Palestra ministrada para o Ciclo Estética de As formas de teatro social. Núcleo 2 – CIA Fábrica de São Paulo, 12 set. 2005.

A MORTE e a Vida de Marsha P. Johnson. Direção: David France. Produção: David France, Kimberly Reed, L.A. Teodosio. Música: Bryce Dessner. EUA: Netflix, 2017. 1 vídeo (1h45min).

FERREIRA, Guilherme. **A Função Social da Escola de Formação Integral**: Um Estudo da Proposta Pedagógica da Escola Parque Anísio Teixeira de Ceilândia – Distrito Federal. 2018. 79f. TCC (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/20566/1/2018_GuilhermeAugustoDaSilvaFerreira_tcc.pdf Acesso em: 28 jun. 2020.

GONÇALVES, Carlos Djalma. **A Construção de Imaginário de Periferia no Cinema de Adirley Queirós**. 2019. 244f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/35190> Acesso em: 28 jun. 2020.

A minha resposta à ofensa à educação é a luta política, consciente, crítica e organizada contra os ofensores. (FREIRE).

APÊNDICES

Apêndice 1: Texto da peça *Transcorpos*

Uma mulher está caída no chão com marcas de violência. Policiais e investigadores chegam para averiguar o acontecido. A iluminação é feita somente por uma luz central e vermelha. Ela é colocada em uma maca e retirada do palco.

Luz sobre a mesa do investigador, que estará na lateral direita do palco. Enquanto datilografa em uma máquina antiga, interroga Cidinha.

Investigador: Nome?

Cidinha: Maria Aparecida. Cidinha, é como me chamam em casa.

Investigador: Profissão?

Cidinha: Sou professora de inglês.

Investigador: Tem posses?

Cidinha: Se sou rica? Nem rica nem pobre, remediada. Ah sim, o senhor deve estar falando pelas minhas roupas, me visto com apuro. Deve ser por isso que acham que sou rica, pareço rica, mas sou realmente apenas uma professora. Minhas malas são de qualidade também eu sei, minhas roupas, bolsa, tudo. Faço questão.

Investigador: Endereço?

Cidinha: Bom... O senhor sabe... eu... eu morava em Minas Gerais.

Investigador: Conte como tudo aconteceu.

Projeção no ciclorama do fundo do palco, onde uma Maria Fumaça vem chegando. Os músicos reproduzem o som. A imagem acaba na porta de entrada do trem de onde surge a personagem atravessando o ciclorama e entrando no palco. A cena narrada acontece simultaneamente no palco.

Cidinha: Bom é isso. Eu morava em Minas Gerais e ia de trem para o Rio, onde passaria três dias e em seguida tomaria o avião para Nova Iorque. Sou realmente muito procurada como professora e devo confessar para senhor, eu gosto da perfeição sabe. Sou afetuosa, mas também sou severa. Queria fazer uma especialização, um aperfeiçoamento nos Estados Unidos. Por isso eu tomei o trem das 7:00 para o Rio. O frio que fazia.

Investigador: Como a senhora estava vestida?

Cidinha: Um casaco... Acho que era... Acho que era de camurça e três malas. Como eu poderia esquecer.

Investigador: E por que a senhora entrou justo naquele vagão?

Cidinha: O vagão estava vazio. A viagem seguia tranquila, tranquila naquele vagão vazio. Só na próxima estação é que subiram os dois homens.

Os dois homens entram e se sentam à sua frente.

Até aquele momento não fizeram nada, absolutamente nada, se sentaram no banco em frente ao meu. E o trem continuou em marcha.

Apito de trem. Som do trem em marcha.

Investigador: E como eles eram?

Cidinha: Um homem era alto, magro e usava um bigodinho ridículo, tinha um olhar gelado. Ai, só de lembrar eu sinto um calafrio. O outro, o outro era baixo, cabeludinho e magrinho. Eles olharam para mim e de repente eu desviei o olhar, olhei pela janela do trem, mas... Havia um mal-estar no vagão.

Investigador: Mal-estar?

Cidinha: Como se fizesse calor demais. Eu estava inquieta, os homens em alerta, na mesma hora eu pensei, Meu Deus o que eles querem de mim? Mas eu não tinha resposta.

Investigador: Mas a senhora não sabia realmente o que eles queriam?

Cidinha: Não! Não, como eu poderia saber? Eu sou apenas uma professora, não queria mais nada, se não seguir viagem, fazer minha especialização, ir para os Estados Unidos. Só estava dentro daquele trem por causa disso. Realmente eu não tinha resposta. Eu não sabia o que eles queriam de mim. E ainda por cima... ainda por cima... Meu senhor, não tenho experiência com homens, eu sou... eu sou... virgem! Ai que vergonha. E naquele momento, não sei por que eu só pensei na minha virgindade.

Investigador: Por isso ficou alerta?

Cidinha: Por isso fiquei alerta. Então os dois homens começaram a falar com o outro. No começo eu não entendia uma palavra, parecia brincadeira, falavam depressa demais, mas aos poucos fui percebendo que a linguagem parecia vagamente familiar, só pensava que língua era aquela?

Investigador: Que língua era?

Cidinha: Foi só então que percebi, eles falavam com perfeição a língua do P.

Investigador: (Dando gargalhada) A língua do P?

Cidinha: Assim: Vopocêpê reepaparoupou napa mopoçapa boponipitapa? Isso mesmo, a língua do P. Eles queriam dizer: Você reparou na moça bonita?

Homem 1: Vopocêpê reepaparoupou napa mopoçapa boponipitapa?

Homem 2: Jápa vipi tupudopo. Épé linpindapa. Espestápá nopo papapopo.

Cidinha: Queriam dizer: Já vi tudo. É linda. Está no papo.

Homem 2: Tôpô doipoidipinhopo nespesapa mupulherper.

Cidinha: Tô doidinho nessa mulher.

Homem 1: Calpalmapa rapapapa epelapa popodepe perperceberper.

Cidinha: Calma rapaz! Ela pode perceber. Eu posso perceber, eu estava percebendo.

Investigador: E o que a senhora fez?

Cidinha: Fingi que não estava entendendo nada. Entender seria perigoso demais.

Investigador: E como a senhora conhecia aquela língua?

Cidinha: Ora, era a mesma linguagem que eu usava quando era criança para poder me defender dos adultos. Ai que ironia.

Investigador: Continue

Cidinha: Bom, os dois continuaram, mas o que eles falaram nessa hora. Não sei se consigo repetir.

Investigador: A senhora consegue

Cidinha: Meu Deus foi tão horrível!

Investigador: Consegue

Homem 1: Queperopo vipiopolenpentarpar apa mopoçapa epe vopocêpê?

Homem 2: Tapambémpém. Vaipai serper nopo tupunélpél.

Cidinha: Querem dizer que vão... ai, que vão... que vão me violentar no túnel! O que fazer? Eu não sabia e tremia de medo. Dentro de mim eu me tremia todinha, por fora nem sei, devia me tremer todinha também. Eu mal me conhecia. Aliás nunca me conheci mesmo por dentro, quanto conhecer os outros, aí é que piorava. Me socorre virgem Maria! Me socorre! Me socorre!

Homem 2: Sepe repesispirtirpir popodepemospos mapatarpar epelapa.

Cidinha: Se resistir podem me matar! Meu Deus que desespero, virgem santíssima, ave Maria cheia de graça senhora é convosco...

Homem 1: Compom umpum pupunhalpal. Epe roupoubapa epelapa.

Cidinha: Me matar com um punhal! E vão me roubar! Salve rainha mãe de misericórdia, pai nosso que estais no céu, são Jorge guerreiro, são Judas Tadeu, São Longuinho. Como dizer a eles que não sou rica? Como eles vão entender que sou frágil, qualquer gesto e eles podem me matar a qualquer momento. Um cigarro! Preciso de um cigarro! Preciso fumar pra esquecer! Ai meu Deus o que vou fazer?

Investigador: A senhora fuma? Tão recatada e fuma?

Cidinha: Eu não sei o que fumar um cigarro pode ter a ver com ser ou não recatada, meu senhor. O fato é que eu tinha um cigarro e tirei da bolsa pra fumar e me acalmar. Mas não adiantou. Quando seria o próximo túnel? Eu tinha que pensar depressa, depressa, depressa... Depressa, depressa, depressa... E se eu... e se eu... se eu me fingir de prostituta, eles desistem, não gostam de vagabunda. É isso, é isso que eu vou fazer! Então eu levantei minha saia, fiz trejeitos sensuais. Trejeitos que eu até tomei um susto, nem sabia que podia fazer essas coisas. Tão desconhecida sou de mim mesma! Abri os botões do decote, deixei meus seios à mostra. Os homens de súbito ficaram totalmente espantados.

Homem 1: Tápá doipoidapa.

Cidinha: Está doida queriam dizer e aí mesmo que comecei a me requebrar que nem sambista do morro, tirei da bolsa um batom e me pinteí todinha, todinha mesmo, exageradamente. E comecei, e comecei, comecei a cantar. “Se acaso me quiseres, sou dessas mulheres, que só dizem sim. Por uma coisa a toa, uma noitada boa! Um cinema, um botequim.”

Homem 1 e 2: (As gargalhadas)

Cidinha: Então os homens começaram a rir, achavam graça na minha doidera. E eu estava na verdade era desesperada!

Investigador: E então, o que aconteceu?

Cidinha: Apareceu o bilheteiro, viu tudo. Não disse nada. Foi ao maquinista e contou. Pararam na primeira estação e procurou logo um soldado que atendia por nome José Lindalvo. Vi depois bordado no uniforme caqui dele.

Bilheteiro: Policial faça-me um favor. Tem uma mulher dentro desse vagão que não é digna de viajar com gente honesta e de família. É uma vagabunda.

Soldado: A senhora está de brincadeira dentro deste trem? Nem adianta ficar aí sentadinha e recatada agora não, minha senhora, descendo, descendo, descendo vamos. Mas como, a senhora não vai descer não? Não vai nem responder?

Cidinha: Calma senhor

Soldado: Eu tiro e vai ser à força.

Cidinha: Me larga seu bruto

Soldado: Vamos senhora, por obséquio

Cidinha: Me larga, minhas malas, não posso sair sem minhas malas, que medo, me solta.

Homens 1 e 2: (Gargalhadas)

Investigador: E os dois?

Cidinha: Os dois? Os dois homens continuaram as gargalhadas. Que medo!

Investigador: Depois disso o que aconteceu?

Cidinha: Era uma estação pequena pintada de azul e rosa. Quando então José Lindalvo me largou, pude ver uma jovem com uma maleta. Ai que humilhação.

Investigador: O que tem essa mulher?

Cidinha: Ela olhou pra mim com desprezo, mas subiu no trem e o trem partiu.

Pausa. A mulher senta em frente aos dois caras. Luz se apaga.

Investigador: E o que o José Lindalvo fez com a senhora?

Cidinha: Eu não sabia como me explicar ao policial a língua do P, não tinha explicação. Me levaram pro xadrez e me ficharam. Eu só queria chegar nos Estados Unidos. Me chamaram dos piores nomes, eu fiquei na cela por três dias. Bom, mas pelo menos me deixaram fumar. Fumei, fumei, fumei que nem uma louca, tragava e pisava o cigarro no chão de cimento. Tinha uma barata gorda se arrastando no chão. Eu gritava desesperada, mas ninguém ouvia, ninguém fumava mais. Afinal me deixaram partir.

Investigador: E então?

Cidinha: Peguei o próximo trem para o Rio. Tinha lavado a cara, não era mais prostituta. Cabisbaixa, vim toda a viagem para o Rio cabisbaixa sem olhar para ninguém. Cheguei exausta. Fui para um hotel barato. Vi logo depois de três dias presa naquela cela fumando com a barata gorda que tinha perdido o avião para Nova Iorque. No aeroporto comprei outra passagem. Mas antes de viajar andei pelas ruas de Copacabana. Desgraçada, desgraçada Copacabana. Pois foi na esquina da rua Figueiredo Magalhães que vi uma banca de jornal e pendurado ali o jornal “O DIA”. Não sei dizer por que comprei, mas comprei. Em manchete negra estava escrito: MOÇA VIOLENTADA E ASSASSINADA NO TREM. Tremi toda. Aconteceu então e com a moça que me desprezou. Aquela mesma mulher que olhou para mim com desprezo, subiu no trem e partiu. No mesmo vagão que eu. Comecei a chorar na rua. Joguei fora aquele maldito jornal. Não quero saber dos detalhes.

Épé opo despestipinopo épé impimplaplacapavelpel.

O destino é implacável!

Cena 2

Projeção onde se lê: Dias atuais. Brasília

Cena de transição: Projeção de dados estatísticos sobre o aumento de feminicídio no Brasil. Sobre violência cometida contra LGBTQs. Estatísticas sobre pessoas trans. Áudio da música primavera fascista. Falas homofóbicas do Bolsonaro ao fundo enquanto são mostradas imagens e notícias de jornais sobre violências.

Frases projetadas

Casos de FEMINICÍDIO aumentam 44% no 1º semestre de 2019

A cada 23 horas uma pessoa é morta por LGBTfobia no Brasil

11 pessoas TRANS são agredidas a cada dia no Brasil

Brasil lidera ranking mundial de assassinatos de pessoas TRANSEXUAIS

No Brasil, a expectativa de uma pessoa trans é de 35 anos.

E SE FOSSE VOCÊ???

Duas drags super bem montadas aparecem na plateia em direção ao palco, ao som de Gloria Groover, música Império, elas fazem uma coreografia na metade do caminho, como se exibindo. Após vão para o proscênio para provocar a plateia. (Prefere-se que se improvise com quem estiver próximo e tenha alguma característica).

- 1- E aí meu amor, tão lindo aí sentadinho. Vamos dar uma volta vamos?
- 2- Adoro cabeludinho assim do seu jeito. Acho sexy, acho um charme.
- 3- Ah é casado é? Não ligo não amore, sem ciúmes.
- 4- É o que? Não tem dinheiro, não é? Pra sair com Larissão na semana passada você tinha né danado. Aqui pra vc ó. Tô te sacando.

Se colocam nas pontas do palco.

Paula chega ao palco com um currículo na mão perguntando por alguém que lhe dera esse endereço pra que viesse em uma entrevista de emprego. Pergunta pra plateia sobre a pessoa, mas não encontra ninguém que o conheça. As duas drags a aborda. Começa uma pequena confusão. A polícia aparece e leva as três para prestarem esclarecimentos na delegacia.

(Coro se posiciona no centro do palco. Uma cadeira é colocada no centro virada para a plateia onde Paula será interrogada)

Todos vestem capas como juízes, remetendo ao investigador da primeira parte e também a sociedade. Carregam uma lanterna nas mãos e acendem todos ao mesmo tempo quando ouvirem um sinal dos músicos.

Os policiais chegam com Paula e a colocam em uma cadeira no meio do palco com luz central sobre ela como em um interrogatório.

Coro: Nome

Paula: Paula Mara Gonçalves Lima

Coro: Documentos

Paula: Ah sim, só um minuto... Aqui estão.

Coro: Mas aqui tá escrito Paulo Gonçalves Lima

Paula: E por acaso não sabes que toda pessoa trans tem o direito de ser chamada pelo nome social desde 2016? Tá na lei.

Coro: Hram Hram Profissão

Paula: Bem eu estou desempregada no momento. Mas estava justamente entregando currículo quando fui abordada de forma violenta por seus homens. Não sou vagabunda.

Alguém do Coro: E como pode garantir que você não faz parte dos 90% de pessoas trans que vivem na prostituição?

Paula: É que felizmente, eu faço parte de uma minoria que não foi expulsa de casa pelos pais ao se assumir transexual. Mas não pense que foi fácil. Nem pra mim, nem pra eles. Como foi difícil entender que nasci em um corpo errado. Que nunca me vi como um menino. Quando criança, qualquer gesto fora do habitual já ouvia logo: Isso não é coisa de menino. Ou então, vira macho. Não criei filho pra ser “maricas”.

Pra minha mãe foi muito difícil ver morrer um filho pra ganhar uma filha de uma hora pra outra. Afinal de contas, antes mesmo de eu nascer ela idealizou toda uma vida pra mim a partir de um único ultrassom. Só que com meu pai foi muito diferente, aliás é até hoje. Ele nunca me aceitou como sou. Já levei muito tapa na cara... Hoje ele faz vista grossa. Aprendeu a me ignorar

Mas não precisei ainda vender meu corpo pra me sustentar, nem drogas.

Coro: Estuda?

Paula: Estudar? Ha ha ha ha ha. Estudar sempre foi um grande problema. Não que eu não quisesse, eu era ótima. Até que chegou um dia em que ficou insuportável. Eles riam de mim, puxava meu cabelo, me jogavam papel. Até que um dia... Não sei nem se consigo contar.

Coro: Consegue.

Paula: Foi horrível. Era um dia comum como todos os outros. Acho até que já tinha me acostumado a ignorar ou revidar. Uma autodefesa sabe? Mas o que aconteceu aquele dia... Me deixaram marcas profundas que até hoje sinto na pele a violência dos dias.

Coro: Conte como tudo aconteceu.

Enquanto Paula fala seu monólogo o coro vai assumindo personagens na cena a partir de acessórios que vão colocando. Vão interagindo com a personagem que fala com a plateia.

Paula: M E R I T O C R A C I A. Bonita palavra não? Quer dizer que quem se esforça, tem mérito pra conseguir o que quiser. Eu nunca fui rica. Não passava fome, mas também nunca sobrou dinheiro em casa. Nunca tive dinheiro pra pagar um cursinho para entrar na UnB por exemplo. Uma faculdade que era para o pessoal da periferia e por muito tempo foi uma

faculdade ocupada por burguês, mas o engraçado é que quando 50% da periferia ocupa as vagas, inventam de privatizar com um tal de Future-se...

Será que eu não me esforcei o suficiente? Eu era tão boa... Ser rico é ter mérito? Ser branco é ter mérito? Ser cis é ter mérito? Da quebrada de onde venho, mérito é outra coisa... É por exemplo não apanhar na rua. Chegar viva em casa. Ter o que comer. Ou o dinheiro do aluguel em dia. Ter mérito é não ter que trabalhar pra ajudar no sustento de casa. É não precisar pegar um ônibus lotado todos os dias por horas. Enfim...

Sempre estudei em escola pública, sem ar condicionado e sem estrutura decente pra conseguir terminar os estudos.

Esse lance de meritocracia sempre foi uma coisa complicada pra mim porque para a sociedade, eu só não mereço porque me faltou "mérito". No início com minha ingenuidade, pensei que só precisava terminar o ensino médio, mas era um inferno. Me batiam, me assediavam, puxavam meu cabelo. Depois do acontecido, não voltei mais na escola. Fiz supletivo à distância pra conseguir terminar. Mas eu terminei. Quantos iguais a mim não conseguiram. E eu estava animada para o próximo passo, a faculdade, o lugar onde eu acredito que existam pessoas maduras o suficiente para não me fazer sofrer por ser quem eu sou... Mas não importa mais. Tenho que trabalhar pra me sustentar. Preciso de um trabalho digno. Alguém aí sabe de alguma coisa? Pode ser de qualquer coisa, faxineira, atendente, garçone... Qualquer... Alguém?

Vocês sabiam que propuseram na Bahia e no Ceará vestibulares inclusivos para transexuais, travestis, gêneros não binários e intersexuais? Mas os nossos excelentíssimos representantes interviram junto ao MEC e cancelaram o vestibular? Sabiam? Eles só queriam uma chance, eu só queria uma chance, eu era uma boa aluna, eu merecia...

Quando decidi começar minha transição, encontrei grandes vilões, vilões que estava dentro de mim, que iam crescer junto comigo... a não ser que eu impedisse. O nome deles? Hormônios. Eu já estava na puberdade, eles estavam se desenvolvendo... Foi aí que eu encontrei algo que eu podia me ajudar; se os vilões estavam dentro de mim, talvez os heróis estivessem fora. Pro meu pai eu passei a ser uma vergonha, mas quando procurei minha mãe, depois de muita conversa ela resolveu me ajudar, mesmo que ela não entendendo a diferença entre gênero e sexualidade.

Foi difícil ver meus amigos indo embora conforme meu corpo foi mudando. Mas eles me deixaram. Enquanto esses momentos horríveis aconteciam, eu só conseguia pensar na gente rindo e brincando e como minhas mudanças corporais alteraram quem eu era pra eles.

Aqueles meninos? Eles tiveram chance de terminar a escola, se formaram, fizeram faculdade e hoje são médicos, advogados, dentistas, artistas... Me diz uma coisa. Quantos médicos trans vocês já viram? Quantos dentistas, advogados, motoristas de Uber, farmacêuticos, professores, engenheiros, administradores trans que vocês já viram? Os meus amigos mereceram. Eles tiveram mérito. Mas eu não consegui suportar toda a humilhação, tudo que aconteceu.

Foi no banheiro.

Quando decidi fazer minha transição. Ir ao banheiro se tornou um tormento.

Por muitas vezes segurei a vontade de usar o banheiro da escola. O que me causou um problema sério de saúde.

Pedia sempre pra usar no momento da aula. Nunca no intervalo. Sentia pavor só de pensar que poderia encontrar alguém lá dentro.

Mas nesse dia foi inevitável.

(Barulho de torneira aberta enquanto lava cenicamente as mãos olhando para o público.

Tira um batom da bolsa e começa a passar olhando para o público como em um espelho).

1. Ei mocinha, vc não sabe que aqui não é lugar pra vc não?
 2. Viadinho, agora deu pra se vestir de mulher.
 3. Se é minha irmã que tá entrando aqui rapaz. Não tem vergonha não?
1. A boneca gosta de passar batom.
 2. Vamos deixar ela mais bonita então.

(Dois agarram Paula enquanto um passa o batom em todo seu rosto)

Paula: Não, para. Me deixem seus covardes. Me larga, a minha bolsa.

(Em seguida arrastam Paula pra dentro do palco)

Dança coreografada representando de forma poética a violência que a personagem sofre nos bastidores. Música autoral tocada ao vivo por um violoncelo e um violino.

Cena 3

(Metrô: Vagão feminino e vagão comum)

Paula chega pra pegar o metrô, entra no vagão feminino, mulheres a olham com cara de desaprovção, ela revida. Uma moça a ofende com palavras e outra a defende. Mesmo assim, resolve sair daquele vagão. Entra no vagão comum e se senta. Na próxima estação entram 2 caras que se sentam na sua frente. O metrô continua, os caras começam a

conversar pelo celular. As mensagens vão sendo projetadas no telão. Pessoas descem. Restam agora somente Paula e os dois caras no vagão. Estação final. Paula levanta para descer. Os dois caras também levantam e param atrás de Paula. (Blackout)

Ainda no metrô. Paula e Cidinha juntas encerram vão até a plateia ao som da música Emicida - AmarElo (Sample: Belchior - Sujeito de Sorte) part. Majur e Pablllo Vittar. (Agradecem)

Projeção das frases finais.

O ódio mata, mas o amor sara.

O perigo pode estar na esquina, mas o amor transbordará.

FIM

Apêndice 2: Depoimentos dos alunos

Quando eu conheci a professora Melissa na oficina de teatro, eu não esperava que eu entrasse tão a fundo assim no teatro como eu pensava, mas um certo dia a professora me falou que ela tinha um grupo de teatro que era separado da escola parque, e ela havia me convidado para participar do grupo. Eu não dei muita bola pra isso no começo, mas eu queria ir para conhecer o grupo e por educação. Lá eu conheci pessoas incríveis e que faziam parte do grupo. A metade da nossa peça era baseada na língua do P da escritora Clarice Lispector e a outra metade era para abordar como as pessoas transexuais são vistas na sociedade. Muitas pessoas saíram do grupo, e outras pessoas também entraram nele, mas o engraçado é que eu não saí dele, eu queria fazer isso pela professora e por mim, porque eu sabia, eu sabia que aquilo poderia mudar as nossas vidas de alguma forma.

Minha mãe aprovou a minha decisão, quando eu fui ver, nós estávamos apresentando em Planaltina, depois em um festival de teatro, e por último, na escola parque foi a nossa última apresentação com o grupo. No começo eu via eles como um simples grupo de teatro que eu participava, mas quando tudo tinha acabado, eu percebi que aquilo era muito mais que um grupo. Eles me fizeram rir, me fizeram amar, me fizeram ser esforçado, e a ter respeito pelas pessoas, sendo elas transexuais ou não. Para mim, esse grupo virou a minha família, e uma razão pra eu realmente me esforçar por uma coisa importante, e o nome dessa família é ARTOCRACIA CÊNICA.

Vinícius 17 anos. Morador de Ceilândia.

É muito complicado fazer uma peça do zero, ainda mais com um tema muito singular. Porém esse não foi o maior problema, abordar esse tema foi fácil, pelo menos para mim. Meus pais aceitaram a minha participação, mesmo eles não entendendo bem o que ocorreria nas atuações. O projeto focava mais em apresentar uma crítica social, não apenas sobre preconceito com a transexualidade, mas também como a mulher é mal vista na sociedade, e por todos os desafios que é garantir os seus direitos.

Agora voltando aos problemas, dentre todas as desavenças, as mais marcantes foram a falta de dinheiro, a falta de apoio por meio da instituição onde ocorreu os ensaios, indecisão não só na escolha do tema, mas também no preparo da peça. A falta de comprometimento com alguns atores, o mau uso do tempo e a falta de preparo para encarar o palco e apresentar a peça. Eu participei das apresentações na UnB e no FESTA, por isso vou falar apenas sobre essas duas.

A apresentação na UnB foi um teste, não tínhamos a preparação necessária para tudo ocorrer da forma que queríamos, tiveram bastante erros, mas deu certo no final. O projeto era focado na apresentação no FESTA, e, por causa disso, tanto o cenário quanto figurino e a logística estavam melhores. Ocorreram erros, principalmente na música e iluminação pela falta de vários ensaios. Entretanto para mim, essa apresentação foi bem melhor que a anterior, conseguindo cumprir aquilo que estava sendo proposto.

Foi gratificante ter essa experiência, ela me tirou da minha zona de conforto, confrontando não só a minha interação social, mas também a minha capacidade de aprender com os meus erros. A peça foi transformadora, passei por várias provações, encontrei pessoas alegres e carismáticas que me fizeram melhorar como pessoa.

Igor Ricardo de Alcântara Nunes. 17 anos. Morador de Ceilândia Norte

Discutir o tema da transexualidade foi uma oportunidade única, explorar melhor esse assunto e ter mais conhecimento sobre um assunto tão pertinente me fez uma pessoa melhor. O assunto para minha família foi tranquilo, tanto que fez eu descobrir que minha mãe é bastante flexível e tem conhecimento sobre o assunto também, ficou bastante claro e eles me aceitaram também.

As partes estéticas da peça tivemos muito esforço para obtê-las, mesmo tendo falta de verba, mas conseguimos ter uma boa estética na peça. Aprendi mais sobre a transexualidade e me fez ter mais comprometimento e responsabilidade com os compromissos que assumi.

Foi uma experiência única e inesquecível, além da minha surpresa pela minha superação como atriz e como tivemos bastante oportunidades durante o processo, inclusive com a participação em um trabalho profissional como figurante no filme *Mato Seco* em Chamas do diretor e cineasta Adirley Queiroz aqui da própria cidade de Ceilândia. A gente da periferia acredita que não terá esse tipo de oportunidade por falta de recurso e por não acreditar na própria capacidade, mas tivemos esse acesso e conseguimos ver que a nossa condição financeira por morar na maior periferia da América Latina não nos define e não define do que somos capazes.

Brenda Ayla. 18 anos. Moradora de Ceilândia.

Foi minha primeira experiência séria com o teatro, como também foi pra parte do elenco. É muito legal ver como a peça e as pessoas evoluem durante o processo, tanto artisticamente como no pessoal mesmo. Nós recebemos duas mulheres trans pra falar com a gente no início do processo e ficamos sabendo de dificuldades tão fora da nossa bolha que chega assustou um pouco que aquilo realmente existia, e isso foi uma das coisas que mais me engrandeceu como pessoa durante a formação da peça, fora que foi um real trabalho em conjunto, sempre mudando e mudando com todo mundo, tentando ajudar no que era possível. Óbvio que, como qualquer outro trabalho em conjunto, tiveram desavenças, mas tudo valeu a pena pelo resultado que conquistamos.

Eu venho de uma família cristã e meus pais são bem conservadores, então eles não aceitaram muito bem quando eu comentei o tema da peça, até por eu ser (eu acho) a mais nova do grupo. Acabou que eu tive que omitir alguns detalhes sobre a peça. Infelizmente eles não entendem a individualidade de cada um e acham que todas as pessoas têm que seguir o padrão heteronormativo. Ainda estou na esperança de conseguir mudar a cabeça deles para que eles possam ver o mundo dessa perspectiva mais inclusiva, menos ignorante e muito mais respeitosa.

Heloisa Pereira. 14 anos. Moradora de Ceilândia.

Participar do *Artocracia Cênica*, foi uma das melhores experiências que já tive no meio da arte, junto ao teatro. Em especial a peça *TRANSCORPOS*, me ensinou muito sobre respeito. Simplesmente respeito: sem precisar em específico rotular às diferenças, ou qualquer outro rótulo. Com os debates sobre transexualidade, pude aprender ainda mais sobre a dificuldade que uma pessoa trans tem, desde o momento em que ela mesma se identifica, até o momento em que possivelmente para nas ruas.

Na minha casa, o assunto não foi de grande “preocupação”. Como um adolescente, bissexual, minha família já tinha um pequeno costume de conversar sobre o meio LGBTQ+. Desde quando estávamos decidindo o tema do espetáculo, notifiquei-os sem problema algum, tanto da minha parte, quanto da deles. Muito pelo contrário de problema, todos acharam de extrema importância falar sobre pessoas afastadas da sociedade em geral.

Alguns aspectos como trilha sonora e distribuição do palco, me agradaram bastante! E acredito que não só a mim, mas a todos, ou pelo menos grande parte do público. De fato, não foi fácil produzir o espetáculo. Sempre fomos um grupo independente, contando apenas com a ajuda de todos os integrantes. A falta de recursos dificultou sim, mas nada que não pudéssemos resolver com bastante esforço e um jeitinho brasileiro de se virar. Cada apresentação foi de se refletir bastante. Sempre evoluindo, aperfeiçoando, e principalmente aprendendo mais sobre o tema.

Lucas Vieira. 16 anos. Morador de Ceilândia.

Discutir a transexualidade em uma peça foi algo totalmente novo, eu realmente nunca tinha me aprofundado tanto no assunto, conhecer as dificuldades, o cotidiano dessas pessoas foi uma experiência única, tanto para mim, quanto para o meu pai. Como eu disse, nem eu e nem o meu pai tínhamos conhecimento do assunto e a peça pôde trazer uma nova visão da sociedade pra nós dois. No começo ele ficou meio relutante, mas me deu o seu apoio, e pôde ver o resultado dos nossos estudos na nossa última apresentação. Apresentar em três lugares foi surreal. O primeiro foi na UnB que serviu como um teste, lá nós nos apresentamos e vimos os erros e formas de melhorar a narrativa e a montagem da peça. Pouco tempo depois fomos para o festival FESTA que foi o nosso real objetivo, e sério... Foi uma das sensações mais incríveis que eu já tive, foi simplesmente mágico. E por fim apresentamos na nossa “casa”, a EPAT, onde eu acabei sendo pego de surpresa com uma mudança repentina de papel, o que infelizmente acabou resultando, na minha opinião, uma queda de aproveitamento e qualidade na peça. Eu não me senti muito bem depois desse dia porque não gostei da minha performance e acabei me culpando um tempo por isso. As vezes isso vem na mente, mas eu tento melhorar a cada dia.

Nós nos esforçamos muito para que a peça saísse com o melhor resultado possível, a falta de dinheiro acabou trazendo muitas dificuldades, mas nem por isso deixamos de nos esforçar, pedindo ajuda aqui e ali, trazendo projeções pra peça, música ao vivo, etc. Foi um processo muito complicado que demandou muito esforço, semanas de trabalho, foi bem exaustivo e às vezes frustrante. Mas no fim, foi satisfatório ver todo nosso esforço transmitido no palco. Nós tínhamos a missão de mostrar a realidade que essas pessoas vivem no dia a dia, e a sensação dos aplausos no festival foi realmente única.

Lucas Ernesto. 14 anos. Morador de Taguatinga.

ANEXOS

QUALQUER CIDADE MODERNA

MR

VIOLINO

ARCO

VIOLONCELO
COL LEGNO

4

4

6

6

8

8

11 COL LEGNO

Musical notation for measures 11-14. The top staff (treble clef) contains a continuous eighth-note pattern. The bottom staff (bass clef) has a whole rest in measure 11, followed by a melodic line starting in measure 12 with the instruction "ARCO".

Musical notation for measures 15-17. The top staff continues the eighth-note pattern. The bottom staff features a dense chordal texture in measures 15-16, followed by a melodic line in measure 17.

Musical notation for measures 18-20. The top staff has a melodic line with the instruction "ARCO" in measure 18. The bottom staff continues the eighth-note pattern.

Musical notation for measures 21-24. The top staff features a complex melodic line with many sixteenth notes. The bottom staff has a dense chordal texture in measures 21-22, followed by a melodic line in measure 23.

VIOLONCELOS

QUALQUER CIDADE MODERNA

MR

I

II

4

4

7

7

11

11

15

Musical staff 1: Bass clef, measures 15-18. Features a melodic line with eighth notes and a half note with a fermata.

15

Musical staff 2: Bass clef, measures 15-18. Features a dense accompaniment of chords and a melodic line with a fermata.

19

Musical staff 3: Bass clef, measures 19-20. Features a melodic line with eighth notes and a half note with a fermata.

19

Musical staff 4: Bass clef, measures 19-20. Features a steady accompaniment of eighth notes.

21

Musical staff 5: Bass clef, measures 21-24. Features a melodic line with eighth notes and a half note with a fermata.

21

Musical staff 6: Bass clef, measures 21-24. Features a dense accompaniment of chords and a melodic line with a fermata.

EM QUALQUER MOMENTO

VIOLONCELO

MR

The musical score is written for a cello in 4/4 time, with a key signature of one sharp (F#). It consists of three staves of music. The first staff begins with a whole rest, followed by a melodic line starting on G2. The second staff starts at measure 5 and features a series of eighth and sixteenth notes, ending with a forte (*f*) dynamic. The third staff starts at measure 9 and includes a trill (*tr*) on the first note, a mezzo-forte (*mf*) dynamic, and a ritardando (*rit.*) marking. The score is annotated with various performance markings, including accents, slurs, and dynamic hairpins.